II Série — Ano I — N.º 11
*Sábado, 27 de Março de 1948*
DIRECTOR E EDITOR:
A. J. MENDES (CEREJO)
CHEFE DA REDACÇÃO:
MANUEL ALPIARÇA
PREÇO 1$00
*Redacção e Administração:*
R. Janelas Verdes, 47-2.º-Lisboa

# O TRABALHADOR

SEMANÁRIO DO POVO

INFORMAÇÕES INTERNACIONAIS

# O CUSTO DA ALIMENTAÇÃO

O custo da alimentação na Europa sofreu uma grande subida com a Guerra. É interessante observar qual foi o montante dessa elevação de preços nos diferentes países.

Partindo da base-índice de 100 anterior à Guerra, temos, no verão de 1947, os seguintes números-índices:

| | |
|---|---|
| Inglaterra e Irlanda do Norte | 100 |
| Hungria | 118 |
| Nova-Zelândia (só até 1943) | 118 |
| Alemanha | 127 |
| Austrália | 130 |
| Noruega | 160 |
| Suécia | 160 |
| Dinamarca | 171 |
| Suíça | 172 |
| Irlanda | 192 |
| Portugal | 210 |
| Holanda | 212 |
| Grécia | 217 |
| Luxemburgo | 264 |
| Checoslováquia | 310 |
| Bélgica | 320 |
| Islândia | 356 |
| Áustria | 389 |
| Turquia | 403 |
| Espanha | 579 |
| Finlândia | 756 |
| Bulgária | 930 |
| Itália (Agosto de 1947) | 6.986 |
| Roménia | 309.850 |

*Nota:* Da Jugoslávia sabe-se apenas que o número-índice era de 221 em 1941. Depois disso não há notícias.

### Ministérios

Em Julho de 1947, o Ministério dos Negócios Sociais da Suécia dividiu-se em dois: Negócios Sociais (trabalho e habitação) e Interior (saúde pública).

### Habitação popular

O Brasil criou, pelo decreto 9.218, do 1.º de Maio de 1947, a «Fundação da Casa Popular», instituição destinada a permitir aos brasileiros, bem como aos estrangeiros que morem no Brasil há mais de 10 anos ou tenham filhos brasileiros, a compra ou construção de casas próprias nas zonas rurais ou urbanas.

O Governo concedeu uma dotação de milhões de cruzeiros e previu que o capital inicial da instituição seja de 2 biliões de cruzeiros, assim constituídos: *a)* donativos; *b)* valor dos terrenos adquiridos; *c)* contribuições, a título de empréstimo, das instituições de previdência social; *d)* legados, dons e dotações diversas.

### Aprendizagem nos portos de Inglaterra

Em Setembro de 1947, o director do serviço de formação dos aprendizes no Ministério Federal do Trabalho declarou que 96.000 estabelecimentos industriais criaram, no conjunto, 25.400 cursos de aprendizagem.

Foi sobretudo na metalurgia e na construção civil que se notou o maior progresso na aprendizagem.

### Aprendizagem nos Estados Unidos

Como é sabido, uma das maiores misérias dos trabalhadores dos portos (dockers) em todo mundo é a instabilidade do trabalho. Ganham bem, mas ganham incerto. Esta situação tem sido objecto de grandes estudos, sobretudo na Inglaterra e na França.

Na Inglaterra foi publicada uma lei em 1946 para regulamentar o trabalho dos «dockers». Em 16 de Junho de 1947, o Ministério do Trabalho e do Serviço Nacional publicou um despacho com um plano permanente para os trabalhadores das docas e os seus «patrões».

A aplicação do plano será assegurada por um Conselho Nacional de mão de obra das docas, composto de um presidente, um vice-presidente e 10 membros; 8 serão nomeados sob proposta do Conselho paritário nacional dos portos e representarão 4 os trabalhadores e 4 os empregadores.

Os primeiros resultados da aplicação do Plano foram garantir aos trabalhadores *inscritos* o pagamento de um «salário de presença» e de um salário semanal garantido, de 4 libras e 8 shillings. O Plano prevê também férias anuais, pagas nas condições a fixar pelo Conselho Paritário Nacional, para todos os «dockers» inscritos.

*NOTA DA REDACÇÃO — Todos estes elementos são tirados da «Revista Internacional do Trabalho (Outubro de 1947).*

# NUNCA TANTOS
## FORAM SERVIDOS POR TÃO POUCOS...

Num dos inquéritos anteriores referimo-nos às circunstâncias desumanas em que muitas criadas exercem a sua actividade.

Como exemplificação do que então dissemos registamos um caso confrangedor que extraímos do relatório de 1947 do Centro de Cardiologia Médico-Social de Coimbra.

Vem na página 21, sob a designação «Ficha familiar n.º 7».

Transcrevemos, sem comentários:

«A doente é uma criada de servir, que sofre de insuficiência mitral.

Depois de clinicamente observada, verificou-se a necessidade de ser posta em repouso enquanto o seu estado de saúde não melhorasse. Surge a primeira dificuldade: os patrões não deixavam ir a doente ao Hospital receber os tratamentos por perder muito tempo. Passou, portanto, a Assistente Social a tratá-la no domicílio. Logo na primeira visita ela verificou não haver possibilidades de fazer o restabelecimento da doente naquele meio.

*A família a quem servia habitava uma casa de três andares, tendo a doente de subir e descer as escadas, uma série de vezes ao dia, para realizar os seus serviços.*

*Eram quinze as pessoas a ser servidas e uma única criada!*

Sendo assim, toda a medicação feita era prejudicada pelo excesso de trabalho dispendido.

Ponderado o caso, foi deliberado que a doente fosse internada na Enfermaria de Cardiologia para poder ser tonificada e ter o repouso requerido para o seu restabelecimento».

# A indústria metalúrgica
## FACTOR DE PROGRESSO SOCIAL

Até ao momento em que a economia agrícola foi substituída pela organização industrial, a maior densidade de população foi em muitos casos sinal de maior pobreza colectiva. Por outro lado onde uma população numerosa e activa existia, tornou-se tão necessário como fácil, pela abundância e barateza de mão-de-obra, lançar as bases da economia industrial, assente na exploração mineira, e principalmente na extracção de carvão e na preparação do ferro e do aço. É assim aqueles povos que em certa data tinham um nível de vida inferior, adquiriram mais tarde um nível superior. O trabalho terrível que os mineiros suportaram durante muitas décadas, veio a criar tal volume de riqueza, que apesar do egoísmo dos grandes potentados económicos, se transformou por completo a vida dos trabalhadores, o seu nível de instrução, e as próprias condições de trabalho.

Quando no princípio do segundo quartel do século passado, os exilados do liberalismo português viveram por alguns anos na sempre liberal Inglaterra, verificaram, como testemunhou Alexandre Herculano, que o povo inglês tinha uma vida incomparàvelmente inferior à que desfrutavam ao tempo as camadas populares portuguesas.

Sabemos em que sentido as coisas evoluíram depois.

A Inglaterra industrializada desde a primeira hora da revolução industrial, enriqueceu extraordinàriamente, achando as reivindicações das classes operárias organizadas e com chefes valorosos, as condições essenciais para serem atendidas.

Tivesse a Inglaterra, como Portugal, permanecido no sistema de economia agrícola, e não teriam as populações dos dois países trocado as respectivas posições..

De pouco serviria apoiar reivindicações sociais ou económicas na melhor das organizações sindicais, se não houvesse possibilidade material de as satisfazer.

Alguns números que extraímos do Boletim da Confederação dos Sindicatos Cristãos da Bélgica sobre a evolução da indústria metalúrgica nos Estados Unidos da América, dão-nos uma prova da influência da metalúrgia no progresso social.

Os altos fornos americanos não só produzem desde há duzentos anos ferro e aço, mantendo o poder industrial e militar dos U. S. A., mas são ao mesmo tempo uma fonte inesgotável de bem estar e de riqueza influenciando o progresso social.

A «Company of Undertakers for the Iron Works», em 1724 ocupava 52 operários, trabalhando mais de 60 horas por semana e ganhando um salário de 13 cêntimos por hora. No total isso significava uma despesa anual de 20.000 dólares de salários para um capital de 5.000 dólares e uma produção de 1.350 toneladas de ferro fundido.

Em 1944 o capital das empresas da indústria metalúrgica pertencia a 600.000 accionistas e o número de operários era de 9.000.000 trabalhando em plena guerra menos de 48 horas por semana.

Há 50 anos, de cada dólar recebido pela venda de aço, iam 30 cêntimos para salários, 18 para os bancos que financiavam as empresas e quase nada para o capital. Em 1944 observava-se a seguinte distribuição: 44 cêntimos para salários e ordenados, 3 cêntimos para o capital e 5 cêntimos para o Estado.

Ao mesmo tempo verificou-se uma diminuição progressiva de horas de trabalho por semana e um aumento dos salários horários.

No apogeu da crise mundial de 1930 a 1934, o metalúrgico americano ganhava em média 50 cêntimos por hora. Entre 1935 e 1939 ganhava 80 cêntimos, em 1944 1 dólar e 25 cêntimos e em 1947 1 dólar e meio. Apesar disto o aço americano vende-se a menos de 5 cêntimos o quilo.

Em nosso entender, não é certa a opinião de que só o aumento da produção nacional poderá melhorar o nível de vida do povo português. Sabemos, porém, que a elevação desse nível a um padrão correspondente ao avanço da civilização actual, depende absolutamente do desenvolvimento das nossas indústrias, e principalmente da criação duma próspera indústria metalúrgica.

O nosso apelo é, pois, para que esta seja, dentro de pouco tempo, uma realidade palpável.

*«O TRABALHADOR» ENVIA AOS SEUS AMIGOS, ASSINANTES E LEITORES OS MELHORES VOTOS DE BOAS-FESTAS DE PÁSCOA*

*Trabalhadores dos campos e das cidades são todos irmãos. Esta ceifeira calma e grave recorda aos habitantes das cidades a grandeza do trabalho rural*

*A partir de 1 de Abril, a sede da Redacção e Administração de «O Trabalhador» será na Rua de Gomes Freire, n.º 30-2.º (Telef. 43.168), para onde se deverá dirigir toda a correspondência*

FORUM ABEL VARZIM DESENVOLVIMENTO E SOLIDARIEDADE

# NOTICIÁRIO DA SEMANA

## DO PAÍS

As obras de construção do porto de abrigo de Peniche prosseguem com grande actividade, o que dá grande alegria a quantos esperavam ver realizado este sonho de há tantos anos, que é também uma necessidade urgente.

— Paço de Arcos vai, enfim, ter o seu mercado. A Câmara Municipal de Oeiras foi já autorizada a fazer um empréstimo de mil cento e cinquenta contos, na Caixa Geral de Depósitos, destinados à construção do referido mercado.

— Começou a ser habitado o Bairro do Caramão da Ajuda, que se destina, em grande parte, aos moradores das ruas do Arco do Marquês de Alegrete e Silva Albuquerque, cujas demolições dos edifícios vão recomeçar em Abril.

— A Direcção Geral dos Serviços Hidráulicos foi autorizada a celebrar contrato para a execução de obras de defesa na praia da Granja.

— Inaugurou-se um Posto Médico no Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras, seguido da abertura da cantina e do balneário. Estes importantes melhoramentos muito vão beneficiar a população académica daquele Instituto que se eleva a mil alunos.

Promovido pela Direcção dos Serviços Pecuários realiza-se em Portalegre, nos dias 28 e 29 de Abril o XIV Concurso de gado ovino alentejano.

— Na última reunião da Câmara Municipal de Lisboa foi resolvido promover-se o desdobramento do capital de várias empresas e aumentar, em 5 por cento, as licenças de estabelecimentos comercial e industrial. Também ficou resolvido que a partir de Janeiro do próximo ano as licenças para mesas e cadeiras nos passeios fronteiros dos «cafés» do Rossio e Praça D. João da Câmara só serão concedidas depois das 20,30 até ao fecho do estabelecimento.

— O pessoal de todas as categorias do Aeroporto tem desde há dias, um refeitório, cuja falta tanto se fazia sentir, e que o director, comandante Carlos Beja, afirmou ser o primeiro passo para outros melhoramentos.

— A delegação portuguesa à Conferência sobre Liberdade de Informação e Imprensa, que está a realizar-se em Genebra, é presidida pelo sr. dr. Augusto de Castro.

— A Base Aérea de Tancos tem, desde há dias, a nova torre de comando, cuja inauguração se revestiu de solenidade e nela tomaram parte os ministros da Guerra e das Obras Públicas, além de outras entidades.

Trata-se de um edifício composto de rés-do-chão, 1.º, 2.º e 3.º andar. Cada andar é ocupado por serviços diferentes.

— O plano de melhoramentos da rede ferroviária que a C. P. pretende realizar está calculado em 400 mil contos. Durante o corrente ano chegarão 18 automotoras da Suécia. Entre Casa Branca e Vila Viçosa entra uma ao serviço no dia 1 de Abril.

— Foi colhido em Madrid o novilheiro português Laureano, cujo estado chegou a ser grave, mas já está livre de perigo.

— Vai realizar-se o I Congresso Português de Profilaxia da Cegueira, tendo como objectivo principal difundir os conhecimentos gerais sobre o importante problema. As sessões serão em Lisboa, Coimbra, Porto e Setúbal.

— Numa das sessões da Assembleia Nacional foi pedida a anulação ou a redução das dívidas das Câmaras Municipais aos Hospitais Civis e defendeu-se que era necessário levar assistência médica até às mais modestas aldeias e pagar aos médicos convenientemente.

— Uma avenida vai ser construída de Vilar Formoso à fronteira, para o que já compareceram naquela localidade engenheiros idos de Lisboa e outros técnicos.

— Estão concluídas as negociações para um acordo comercial entre Portugal e a União Económica Belgo-Luxemburguesa.

## DO ESTRANGEIRO

Na Conferência dos Dezasseis, o delegado de Portugal, sr. dr. Caeiro da Mata, falou largamente defendendo que «é preciso constituir um sólido bloco de que dependa a salvação de uma Europa empobrecida e dominada pelo medo» e manifestou o desejo de ver a Espanha no grupo das Nações Ocidentais.

— Realizou-se em Bruxelas a terceira sessão plenária para estudo da união aduaneira europeia, em que o nosso país se fez representar.

— Os Estados Unidos cederam à Itália 29 barcos mercantes, sendo 14 apreendidos aos italianos e os restantes são do tipo «Liberdade» e substituem outros tantos perdidos ou incapazes, depois da confiscação.

— Truman no seu recente discurso de grande repercussão pediu ao Congresso a votação do serviço militar obrigatório e a rápida aprovação do plano de auxílio à Europa. Referiu-se claramente à pressão soviética sobre uma série de nações, afirmando que a Rússia não só se tem recusado a cooperar no estabelecimento de uma paz justa e honrosa mas — pior ainda — procura activamente impedi-lo.

— Foi assinado em Bruxelas o Tratado da União Europeia Ocidental, que prevê, durante 50 anos, a cooperação económica e o auxílio militar em caso de agressão, de acordo com a carta da O. N. U.

— A maioria dos parlamentares da Finlândia são contrários ao pacto militar com a Rússia.

— Nas minas da Arsia, na Istria Iugoslava, deu-se uma violenta explosão de gás, em que morreram trezentos mineiros e ficaram feridos muitos mais.

As famílias das vítimas receberam um subsídio do salário de um ano e têm direito a uma pensão.

— Admite-se que os primeiros países a serem admitidos na União Ocidental são a Itália e Portugal.

— Os primeiros ministros da Suécia e da Noruega fizeram violento ataque contra o comunismo.

— A América do Norte retirou o seu apoio à proposta aprovada pela Assembleia da O. N. U. para a partilha da Palestina e propõe um regime temporário de curadoria.

— Marshall, falando na Califórnia disse que nunca a situação foi tão grave como actualmente. Acusou a Rússia e os comunistas de, na Europa, se dedicarem à «manobras decalcadas do regime nazi».

— «Só podem existir duas doutrinas — a da Paz e a do comunismo», afirmou o presidente do Conselho da Dinamarca.

— Ao chegar a Nova Iorque, foi detida Irene Curie que poucas horas depois foi posta em liberdade.

— Os delegados inglês e francês foram nomeados presidentes da Comissão de Trabalhos da Conferência dos Dezasseis.

— O presidente Truman conferenciou com o fabricante das «fortalezas voadoras», o que despertou o maior interesse entre os círculos especializados.

— O deputado democrático pelo Estado de Maryland, Hugh Meale, apresentou na Câmara dos Representantes um projecto de lei proibindo a exportação de todos os produtos norte-americanos para a Rússia.

— A França e a Itália assinaram a união aduaneira em Turim. Durante a cerimónia, Bidault afirmou: «Comprometemo-nos solenemente a fazer com que a economia da França e da Itália formem uma unidade única».

— Uma proposta anglo-franco-americana apresentada à Rússia e a Iugoslávia pede a devolução de Trieste à Itália.

A população tristina entregou-se a manifestações de regozijo, e a bandeira italiana foi arvorada em todos os edifícios.

— De Washington anunciaram que estão concentrados vinte mil homens na Albânia dispostos a atacar as forças gregas.

— O Papa enviou para as regiões mais necessitadas da Alemanha 30 mil dólares e 5 mil francos suíços em roupas e víveres. Já saíram de Roma para Munique 18 vagões de víveres, roupas e material cirúrgico. Brevemente seguirão mais 15 vagões para o mesmo destino.

— Admite-se que o Conselho de Segurança da O. N. U. resolva dar ordem de cessar na Palestina a ambas as partes.

— No discurso proferido na Califórnia, Marshall afirmou que a Itália não beneficiará das vantagens do programa de auxílio americano à Europa, se os comunistas obtiverem qualquer vitória nas eleições.

— Admite-se a possibilidade de a Grã-Bretanha enviar tropas para a Grécia.

— Em França intensificou-se a campanha anti-comunista. O jornal «Ce Matin» diz que os comunistas franceses e italianos têm objectivos de constituirem um «bloco oriental» para dominar o Mediterrâneo.

— Foram excluídos da Comissão dos Negócios Estrangeiros da Câmara de Haia (Holanda) os deputados comunistas.

— Violento furacão assolou a parte central dos Estados Unidos, sendo elevadíssimos os prejuízos e os mortos e feridos, cerca, respectivamente, de sessenta e quinhentos.

— Os russos que estão em Berlim atacam os governos militares das potências ocidentais na capital alemã.

— Numa reunião socialista, em Marselha, os oradores não puderam falar. Porém, o Ministro do Trabalho ainda afirmou: «Eis a liberdade que teríamos se os comunistas tomassem conta do poder».

— A contra-ofensiva à expansão soviética é posta em relevo pela imprensa francesa, dizendo «L'Epoque» que não haverá mais «bater de mato durante a caça». Referindo-se à reacção da Rússia sobre Trieste declarou que Moscovo foi agora atirado para um canto.

— Outro desaparecimento em Viena. Trata-se de Hubert Dollberger, do Partido Popular, que recebeu intimação para ir à sede policial local. Entrou num automóvel e desapareceu.

— O rei Paulo, da Grécia, disse que a situação internacional é muito delicada.

O governo de Atenas apresentou proposta à Comissão Especial da O. N. U. para encerramento das fronteiras com a Albânia, Iugoslávia e Bulgária.

— Os Estados Unidos estão a construir quatrocentas bombas atómicas por ano, o que dará à América superioridade indiscutível no caso de conflito com qualquer grupo de países.

— O deputado federal norte-americano, Donald O'Toole, do Estado de Nova Iorque, pediu que o governo americano garanta a segurança do Papa no caso de ocorrer alguma mudança do governo italiano no sentido das esquerdas. Disse que no caso da invasão do Vaticano por fanáticos, a catástrofe afectaria todos os povos do mundo.

— Oklahoma foi varrida por terrível furacão. Há centenas de pessoas sem lar e feridos em número elevado, bem como bastantes mortos.

— A Rússia dispõe-se a abandonar o Conselho de Fiscalização das Quatro Potências? Esta pergunta, mal definida, ressalta das informações das agências telegráficas.

O general Clay teria afirmado que os sovietes não podem dificultar mais a acção do Conselho de Fiscalização do que têm feito até aqui, quer tomem parte nas reuniões quer, como agora, prolonguem o seu adiamento.

— Daladier afirma que a Rússia não poderia agora sustentar uma guerra contra os Estados Unidos.

— Em Londres afirma-se que os russos se dispõem a pedir a retirada dos aliados ocidentais de Berlim.

— Afirma-se no Conselho da O.N.U. que os comunistas italianos estão a receber armas da Iugoslávia.

*Importa ir ao encontro dos perigos graves que correm, nas oficinas modernas, a moralidade dos trabalhadores — a dos jovens sobretudo — e o pudor das mulheres e raparigas.*

(Do Código Social de Malines)

## Planalto

# O QUE É UMA COMUNIDADE

Não podemos ainda neste número referirmo-nos, como prometeramos, às possibilidades de se adaptar em relação ao nosso país aquilo que se tem dito aqui acerca da comunidade de bairro. Tencionamos fazê-lo numa das próximas semanas, mas, hoje, queremos, muito ao de leve, responder a uma pergunta que talvez tenha surgido no ânimo de alguns: porque é que falam sempre em *comunidade*, quer seja de prédio (como num dos primeiros números desta série de «O Trabalhador») quer de bairro? Porque não dizem, por exemplo, grupo ou sociedade?

Na verdade, podíamos usar qualquer outra palavra, mas não é por acaso que os autores dos artigos que transcrevemos neste «Planalto» acerca da *comunidade* de prédio ou da *comunidade* de bairro, usam este termo — *comunidade* — e não outro. Como não podemos alongar-nos muito, vamos ver se ficamos com uma ideia simples do *porquê* desse uso. Comecemos por saber que hoje está a ser costume fazer diferença entre *sociedade* e *comunidade*. Há muitos aspectos pelos quais se pode encarar essa diferença, mas nós que não podemos pretender aprofundá-la em tão pouco espaço, vamos seguir um pouco a história, porque talvez seja mais fácil compreender tal distinção.

*Sociedade* era termo muito usado durante o século passado, o século do liberalismo. Os liberais pensavam todos os agrupamentos em que os homens se juntam — empresas comerciais ou industriais, famílias, nações, etc. — como sem qualquer existência própria. Para eles, o que contava era apenas o indivíduo, que tinha os seus direitos, os seus interesses, e para defender melhor os seus interesses fazia um contrato com outro ou outros, com o fim de se atingir este ou aquele fim. Por esse contrato, desistia de uma parte dos seus direitos e ficava com alguns deveres. Tinhamos, pois, contratos de sociedades comerciais ou industriais; o casamento reduzia-se a um contrato de sociedade familiar; a nação, a um contrato de sociedade também. Note-se que o agrupamento em si não merecia qualquer consideração, e que se acreditava que os indivíduos só podiam ter um motivo para se agruparem: a defesa dos seus interesses.

Achava-se que os indivíduos não poderiam deixar de ser egoístas, e que a união entre eles teria de se fundar nos vários egoísmos individuais. Ora o egoísmo é um ácido que corrói tudo, e nós vemos na nossa época como os homens estão profundamente separados. Nas empresas, no bairro, na família, na nação, cada um puxa para seu lado e quer ùnicamente o seu interesse, atropelando os outros, não se importando com os sofrimentos, as necessidades deles. Nós vemos bem como os homens não se podem unir sobre o egoísmo.

Pouco a pouco, já há anos que se vai reconhecendo que há alguma coisa de diferente da simples reunião de interesses, nos agrupamentos humanos. Entre aqueles que trabalham na mesma empresa, vivem próximo uns dos outros, são membros da mesma família ou da mesma nação, há alguma coisa *em comum*, como que um parentesco, — há uma *comunidade de destinos*. Quer dizer, eles são chamados a cumprirem o seu destino, a desenvolver-se, ao lado uns dos outros, a amparar-se, a sacrificar-se até uns pelos outros e pela *comunidade* de que fazem parte. E é sobretudo nas horas de sofrimento que isto se torna claro. Temos pena de não ter à mão um trecho, de que nos lembramos, de alguém que descobriu, como prisioneiro de um campo de concentração, no contacto com os operários lá prisioneiros, a grande realidade da comunidade operária. Portanto, há grande diferença entre sociedade e comunidade — numa há apenas a defesa do interesse próprio, não há preocupação com o bem dos outros, noutra tem-se consciência de que há uma missão em comum a unir as pessoas, há amizade, amor.

E como o que mais importa assim é a atitude das pessoas que fazem parte dos agrupamentos humanos, a melhor e única maneira de os transformar em comunidades onde todos tenham consciência desse laço comum, é aqueles que já tenham consciência dele procederem sempre para com os outros como membros de uma comunidade, e não como indivíduos a quem não interessa, desde que o seu bem individual esteja defendido, o que possa suceder aos companheiros.

Claro que esta diferença que se faz entre as duas palavras sociedade e comunidade — é útil para designar as duas diferentes atitudes de espírito de que falámos, mas podemos perfeitamente encontrar pessoas que, habituadas a falar só de sociedade, falam por exemplo da *sociedade familiar*, e contudo vivam na prática o espírito comunitário: — não nos deixemos levar apenas pelas aparências.

Compreende-se agora porque falamos de *comunidade* de bairro ou de prédio. Quer isto dizer que aqueles que perderam a consciência de que o habitar próximo uns dos outros estabelece um certo laço entre as pessoas, devem recuperar a consciência desse laço, desse destino em comum.

Esses artigos mostraram como na prática se devia proceder para que esses agrupamentos se transformassem em comunidades vivas.

*C.*

## TEATROS

# A REVISTA «TICO-TICO»

Após demorada e árdua labuta, subiu o pano no Maria Vitória para que o público pagasse e apreciasse a graça, os ditos, a música e a cor, os méritos das mulheres e dos homens — actrizes, actores e coristas de ambos os sexos — que num conjunto de vontades se haviam agrupado para fazer a revista «Tico-Tico». Nada há de novo sobre a terra, diz-se por aí. E é verdade. Nada há de novo e, em revistas teatrais, cada vez menos... Pode, às vezes, parecer que tal número tem novidade, mas, ao fim e ao cabo, ele não é mais do que a repetição mascarada de outro que por ali andou anos atrás. Dizem os críticos dos diários, que aos autores não é permitido fazer mais nem melhor.

Talvez assim seja mas também pode ser que não seja... Não há dúvida nenhuma que os fazedores de revistas estão esgotados e cremos que não há «fitina» que consiga renovar-lhes as ideias estafadas.

Isto não diz respeito só a esta revista que é igual às outras, salvando-se, por vezes, a presença de actores consagrados e queridos do público que, esses sim, esgotam os nervos a impingir à plateia os pratos sediços cozinhados pelas parçarias.

«Tico-Tico» portanto, não será melhor nem pior que as anteriores revistas, nem que as futuras, a continuar-se como aquela «música» de coreto de feira, que, para variar, tocava sempre o mesmo...

Aqui, à parte alguns números repetidos, mas bem defendidos, por Santos Carvalho, Mirita, Amarante e Teresa Gomes, etc., temos inegàvelmente de salientar o trabalho das raparigas, ensaiadas por Charles, que, tendo servido na América os encantos das grandes encenações, traduziu em português ligeiro e despretencioso o que se pode apresentar no palco reduzido do «Maria Vitória». As coristas, de facto, se deve o brilho incontestável da revista, portanto, à parte coreográfica, não ao poema; e, no fim de contas, ao pessoal mais mal pago!

Quanto aos revisteiros deixem-se de fazer números para artistas certos: isso resulta monótono. Quando o artista se apresenta já o público sabe o que vai ouvir pela indumentária que apresenta e comenta-se com frequência:

— Pronto lá temos outra vez...

Porque não vão para férias esses senhores das parçarias e deixam que outros apareçam a fazer coisas? Há tanto pano para mangas sem necessidade de lamentações e sem bulir com aquilo em que se não pode bulir...

Imaginação! Falta-lhes imaginação! É natural... tudo acaba.

*CARLOS DAMAIA*

*O chefe de família, sóbrio e honesto, que cumpre conscienciosamente os deveres do seu emprego, deve, pela organização social, poder encontrar no seu trabalho recursos suficientes para prover à vida e educação da família.*

(Do Código Social de Malines)



# PÁGINA DESPORTIVA

## COISAS DO FUTEBOL

*Por ALBERTO VALENTE*

# AS PROVAS OFICIAIS RETOMAM O SEU CURSO

Para quê gastar mais tempo e mais tinta com o desafio Espanha-Portugal, disputado em Madrid no domingo passado?!...

«O Trabalhador» sai para a rua, felizmente, com o atrazo suficiente para nos livrar da obrigação de comentar demoradamente os trabalhos da escolha, de treino, de camaradagem e de valorização global dos rapazes que nos representaram no Estádio da Castellana. E notem que já não aludimos à acção desenvolvida no próprio terreno do jogo — porque resolvemos, e muito bem, gozar em Lisboa as delícias dum domingo sem bola... o que não deixou de ser agradabilíssimo para quem não sabe (durante nove ou dez meses no ano) o que é uma «folga» semanal.

Os sucessos do grande encontro foram sàbiamente explorados e dissecados por todos aqueles que «puseram pés ao caminho» — e, em especial, pelos que lam encarregados de missões críticas para os vários jornais da especialidade, e até para os jornais diários que não podem, hoje em dia, esquecer o formidável interesse que o futebol consegue despertar em todas as camadas da sociedade universal.

Como elemento estatístico, arquivamos, pois, e apenas, nestas colunas o resultado numérico do XX desafio entre portugueses e espanhóis, porque, evitando assim amargas críticas às «causas» — com evidentes alusões aos «efeitos» — ficamos com a impressão de registar a única coisa que se salva neste novo confronto futebolístico com os eternos rivais da península!

O «score» de 0-2 foi, realmente, consolador — e seria, inclusivé, honroso se pudéssemos acrescentar que num ou noutro lance tivemos «el santo de espaldas»!...

*Mas, por desgraça*, se entrarmos em estudo profundo, chegaríamos a conclusão que devemos antes esfregar as mãos de contentes. Por isso, frizemos os números: 0-2!... na certeza de que com várias épocas decorridas, todos estaremos de acordo que esta margem de derrota num desafio internacional disputado «fora de casa» não nos trouxe absolutamente nada de deslustroso ou deprimente.

Antes, pelo contrário. Ficamos até com a vantagem moral dos 4-1 de 26 de Janeiro de 1947 não terem sido desforrados pelos nossos adversários, entregues durante muito tempo a uma preparação cuidadosa que visava justamente o pagamento de tal dívida — possivelmente com capital e juros acumulados!!!...

* * *

Quem de direito, que tire da lição os ensinamentos devidos. Mas, entretanto, olvidemos nós o «sucedido», para pensarmos de novo e com redobrada atenção! — nas andanças dos nossos Campeonatos Nacionais, que amanhã retomarão o seu curso.

Vejamos, pois, o programa oficial:

*Na I Divisão:* — A décima oitava ronda (quinta da II Volta) é das poucas que oferece a Lisboa apenas dois desafios. Mas um deles é de grande cartel: — o Belenenses (28 pontos) contra o F. C. do Porto (26). Na tarde de 21 de Dezembro do ano findo, os azuis conseguiram derrotar os campeões nortenhos, no próprio campo da Constituição, por 2-0; mas os portuienses, de então para cá, têm melhorado imenso — sendo caso, portanto, para se formularem as perguntas: manter-se-ão os de Belém à cabeça do rol?... ou serão os portuenses forçados a «descolar» do pelotão da vanguarda?

No outro jogo da capital, defrontam-se os benfiquistas (27 pontos) com os setubalenses do Vitória (10); no papel, há desiquilíbrio notório de forças — com vantagem para os lisboetas, por tudo e porque estes jogam no seu Campo Grande. Porém, a equipa sadina é veloz, aguerrida e propícia a dificultar, por tais motivos, a tarefa dos «mais pintados». Uma coisa é certa: — o desafio tem atractivos e deve resultar agradabilíssimo como espectáculo.

As três restantes equipas da A. F. de Lisboa viajam: — o Sporting (28 pontos) irá ao Porto enfrentar o Boavista (14); o Estoril (23 pontos) será visita do Elvas (14); e o Atlético (14 pontos) descerá até ao Algarve para competir com o Olhanense (13).

Jogar «fora de casa» é sempre mais difícil... — e, pela posição actual dos grupos lisboetas, parece que tais dificuldades estarão na razão inversa da sequência dos desafios mencionados. Todavia, e por virtude da importância relativa à classificação geral, não mentiremos ao afirmar que é para o encontro a disputar no Campo do Beça que as atenções dos aficionados devem convergir...

O Sporting de Braga (com 9 pontos) e a Académica de Coimbra (com 7) recebem a visita dos algarvios do Lusitano (13) e dos minhotos do Vitória de Guimarães (12), respectivamente, para mais um dos últimos cartuchos» que lhes restam para matar a desgraça! Preveem-se desafios rehnidíssimos, disputados palmo a palmo — e do primeiro ao derradeiro minuto.

Oxalá, contudo, que nestes «prélios» , como em todos aliás, não seja esquecida a indispensável correcção — dos jogadores e do público!

*Na II Divisão* — vamos entrar, com a quarta jornada, na II Volta das duas Poules de apuramento. E assim, teremos:

*No Norte* — O Famalicão (4 pontos) recebe o Leixões (2), e o Sporting da Covilhã (4 pontos) recebe o União de Coimbra (2).

Na primeira volta, famalicenses e coimbrãos venceram, respectivamente, por 4-2 e 7-1; desta vez, contudo, parece que apenas os minhotos serão capazes de confirmar o triunfo.

*No Sul* — O Barreirense (3 pontos) desloca-se até Portimão (4), e a Cuf do Barreiro (5 pontos) recebe o Desportivo de Beja (só com derrotas).

Em nossa opinião, julgamos tão certa nova derrota dos bejenses, como incerto o resultado do jogo a realizar no Algarve.

*Na III Divisão*, vão disputar-se as primeiras «mãos» das segundas eliminatórias — que devem fornecer os classificados que discutirão as entradas nos quatro grupos da II Divisão.

Ora vejamos:

O Sporting de Fafe (vencedor por 4-1 e 2-2 do Flaviense de Chaves) defronta o Sporting de Espinho (vencedor do Leça F. Clube por 3-1 e 5-2).

O Académico de Viseu (vencedor dos Marialvas de Cantanhede por 2-2 0-0 e 5-1) defronta o Covilhanense (vencedor do S. L. e Guarda por 1-4 e 5-0);

O Torriense (vencedor do Rossiense por 1-2 e 6-0) defronta o C. D. da Cova da Piedade (vencedor do Arroios por 7-4 e 5-1); e

O Estrela de Portalegre (vencedor do Atlético de Requengos por 1-3 e 5-2) defronta o Desportivo de Faro (vencedor do F. C. de Serpa por 2-2 e 5-0).

Estes desafios de amanhã efectuam-se nos campos dos clubes mencionados em primeiro lugar, repetindo-se no domingo seguinte nos campos dos adversários.

Para a *Taça de Portugal*, finalmente, realizam-se também os «preliminares» da competição, englobando-se nos vários Grupos os concorrentes até agora afastados das II e III Divisões, cujos jogos foram assim distribuídos por sorteio:

No *Grupo A* — Salgueiros-Leça; Sanjoanense-Vianense; Oliveirense-Vila Real; e Flaviense-Académico do Porto.

No *Grupo B* — Naval da Figueira-S. L. Viseu; S. L. Castelo Branco-Os Marialvas de Cantanhede; Leões de Santarém-Ferroviários do Entroncamento; S. L. Guarda-Ginásio de Alcobaça.

No *Grupo C* — Luso do Barreiro-Arroios; Rossiense-Onze Undos do Montijo Futebol Benfica-Operário; e Oriental-Casa Pia.

No *Grupo D* — Campomaiorense-Ateneu de Requengos; Boa Esperança de Portimão - União de Montemor; Moura Atlético-F. C. de Serpa; e Lusitano de Évora-Portalegrense.

Para os desafios da III Divisão e para estes «preliminares» da Taça de Portugal, não podemos formular prognósticos, visto desconhecermos a grande maioria das equipas em luta.

No entanto, o que podemos... e queremos é repetir os votos que já apresentamos ao terminar as considerações sobre os desafios da I Divisão: — Oxalá que em nenhum destes «prélios» seja esquecida a indispensável correcção — quer por parte dos jogadores, quer das assistências.

Porque — isto cá para nós, que ninguém nos ouve: — se jogar à bola é «fazer desporto», manter-se correcto é o principal requisito para se «ser desportista».

## Campeonato do Mundo e da Europa de Óquei em Patins

*No seu primeiro encontro, para o citado torneio, a equipa portuguesa conseguiu brilhante e fulgurante vitória sobre a equipa belga, vencendo por 10-0.*

*Os nossos representantes imprimiram, durante todo o jogo, velocidade endiabrada que desconcertou a aguerrida turma belga.*

*Os tentos foram marcados por Rayo, Olivério, Correia dos Santos e Jesus Correia.*

*O público, gentil sempre com os nossos jogadores, aplaudiu, sem reservas, o triunfo lusitano.*

*Toda a equipa esteve admirável, salientando-se, no entanto, Sidónio, jogador excepcional, Jesus Correia, velocíssimo a deslocar-se, e Correia dos Santos, em remates primorosos.*

*Sidónio Serpa, no intervalo, declarou: «Graças a Deus, tudo está a correr à medida dos nossos desejos; todos faremos por levar para Portugal o título que lá conquistámos».*

# De todos os desportos

## Registo e perspectivas da semana

*Por JOSÉ ILHARCO*

### No XV Porto-Lisboa de andebol a vitória coube ao grupo da Capital

Jogou-se do domingo passado, no Campo do Lumiar, mais um encontro de andebol entre portuenses e lisboetas.

O triunfo coube, desta vez, ao Grupo de Lisboa — que foi o menos mau do desafio...

Com terreno pouco propício e, ainda por cima, com falta de *disposição*, os jogadores não forneceram a medida exacta do seu valor, proporcionando uma partida de acentuado nível técnico.

O resultado de 7-4 reflecte a superioridade da equipa da Capital na segunda parte — já que no primeiro tempo os portuenses equilibraram a partida, mostrando-se até mais entusiastas.

Este Porto-Lisboa, como o anterior recentemente disputado na Cidade-Invicta, serviu aos dirigentes da modalidade para assentarem ideias sobre a escolha da selecção nacional que em Junho próximo irá a Paris tomar parte no Campeonato do Mundo.

O fraco rendimento dos jogadores no desafio de domingo nada quererá dizer com vista ao Grande Certame. Há, com efeito, tempo bastante para que a *disposição* volte. Nada de sobressaltos!

### Império dos Santos ganhou a primeira prova da época, batendo o recorde dos 50 quilómetros

O Ciclismo teve no último domingo a sua primeira prova da época. Os clássicos «50 quilómetros de abertura» foram ganhos pelo benfiquista Império dos Santos, no tempo de 1 h., 38 m. e 30 s.

Classificaram-se, na categoria de «independentes», mais 15 corredores, ocupando Júlio Mourão e João Rebelo, ambos também do Benfica, os postos de honra.

Edgar Marques e Armando Gonçalves, igualmente do Benfica, foram os vencedores nas categorias de «Amadores-Séniores» e «Amadores-Júniores», respectivamente.

António de Sousa, do Campo de Ourique, triunfou em «Iniciados»; e M. Oliveira, do Sporting, chamou a si a vitória na categoria de «Veteranos».

Enquanto a Federação Portuguesa de Ciclismo se debate em crise financeira, os rapazes do pedal afirmam, em plena estrada, boa preparação...

### Jorge Larzen continua campeão

Box no Pavilhão dos Desportos!

Não está nada mau — como mau não estaria Basquetebol no Pavilhão dos Desportos...

Mas as coisas são como são — e o resto é «carpideira»...

Jorge Larzen e Guilherme Martins andam há 14 meses a discutir entre si uma questão de superioridade, que, vamos lá, vai sendo exagerada pelo número de vezes que se defrontaram em tão curto espaço de tempo.

Pôr o título em jogo — é bonito, e exigido até pelo brio profissional dum pugilista. Tentar conquistar esse título — é também humano. Tudo, porém, possui os seus limites — e quer-nos parecer que desta feita Larzen e Guilherme hão-de pôr mais longas tréguas aos seus anseios de superioridade...

Larzen pode resistir a Guilherme — conservando o título com justiça, mau grado o bom combate feito pelo pretendente.

O pugilista campeão, no seu estilo «arrevezado» mas proficuo, mostrou merecer o título por mais algum tempo.

Guilherme, por outro lado, evidenciou mais uma vez possibilidades de alcançar o almejado título...

De modo que... Mas não! Por ora, não!

### Está escolhida a selecção nacional de basquetebol

Depois do último treino, o seleccionador nacional de basquetebol, sr. Costa Pinheiro, deu conhecimento dos nomes dos jogadores que hão-de representar o País no Portugal-Espanha, a realizar em Lisboa, no próximo dia 3 de Maio.

São eles: Homero, Morais, Luís Neves, Belo de Oliveira, Tavares, Diogo, Pina, César, Alves Pereira e Costa Ramos.

— Entretanto, foi já marcada a data de 3 de Abril para começo do Campeonato Nacional.

— Nas duas jornadas do torneio lisboeta realizadas na semana passada, o Atlético derrotado pelo Lisgás e escasso vencedor do Algés e Dafundo, viu a sua posição de «leader» ficar agora ao alcance do Bentica... O facto forneceu novo aliciante à prova...

E o Lisgás deve ter *fugido*, definitivamente, do perigosíssimo último lugar...

### Várias

— Pinheiro Chagas, entre 21 atiradores, venceu a prova de esqeima dotada com a «Taça Jorge Paiva» e organizada pelo Ateneu Comercial de Lisboa.

— A taça «Mestre Campos de Andrada» foi conquistada pela Casa Militar, num torneio promovido pelo Ginásio Clube Português.

— João Tito, mercê da sua vitória na segunda regata de «fireflies», ganhou direito a figurar na 2.ª fase deste laborioso torneio — com vista a apurar o representante português nos Jogos Olímpicos de Londres.

— Para o Campeonato de Lisboa, o Benfica derrotou o Instituto de Agronomia por 17-4.

O jogo efectuou-se no Estádio Nacional e desta vez chegou ao fim...

— Benfica e Sporting promoveram, e bem hajam por isso, torneios de atletismo reservados aos seus sócios e simpatizantes.

É esta, realmente, a melhor maneira de captar adeptos para a modalidade — e para os clubes.

— A Maratona Nacional disputa-se no próximo domingo e há bastante curiosidade em medir o tempo do vencedor.

Quem sabe se, depois da prova, nascerá a obrigação de mandar mais um português a Londres?!

*JOSÉ ILHARCO*

«O TRABALHADOR»
VENDE-SE
— no Lumiar na *Tabacaria ARAÚJO*
— em Caldas da Rainha na *Tipografia CALDENSE*
— em Abrantes pelo Snr. *Rómulo Neto Lemos*
— em Águeda na *AGÊNCIA CONDE*
— em Alcanena pelo Snr. *Manuel dos Santos Coelho*
— em Alcobaça na firma *José Narciso da Costa Sucs.*
— em Lisboa no *Quiosque de S. Paulo*

# BOLETIM MUNDIAL

## Contra-ofensiva da Primavera

No mundo inteiro, ao menos naquela parte que não está sob a alçada mais ou menos directa do Kremlim, respira-se, neste momento, uma verdadeira atmosfera de anti-comunismo. Dir-se-ia uma verdadeira tempestade que, como em certas quadras de acalmia, rebenta inopinadamente no espaço. Foi assim a explosão anti-comunista que agora se deu. Quase um salto brusco de uma acção «colaboracionista», de cinco anos de guerra e de quase três anos de rescaldo mal extinto, para um súbito ribombar do trovão anti-comunista.

Desnecessário se torna recordar como foram tentados, por todas as formas, desde os tratados e os conciliábulos directos até às assembleias públicas das organizações internacionais, os arranjos e os entendimentos do mundo ocidental com o mundo oriental. A fuga ou a resistência e, consequentemente, a inutilização de todo o esforço conciliatório, foi a táctica russa.

Não seria ultrapassado o ponto morto em que depois se caiu, talvez na esperança de que o próprio tempo fosse o regularizador normal das coisas e das arestas mais vivas, se de Moscovo, a pretexto de uma reacção contra o Plano Marshall de auxílio à Europa, que repudiou logo de início, não tivesse partido uma onda de conquista que ameaçou, como ameaça, espraiar-se para norte e sul da Europa, de forma a estender-se dois braços desde o Kremlin ao Mar do Norte e ao Mediterrâneo.

Foi a resolução de Moscovo anunciando a ofensiva da Primavera, em cada país, por meio dos seus apaniguados, aqueles que, no dizer de um ministro francês, têm por única pátria a Rússia», como e sobretudo o assalto ao Governo Checoslovaco, a fonte da reacção anti-comunista a que agora assistimos. Parece pretender-se com estas medidas um duplo fim: sustar a marcha conquistadora da Rússia e antecipar, opondo à anunciada ofensiva comunista da primavera dentro de cada país, uma contra-ofensiva, por uma propaganda e uma actividade nacionalista intensas.

Lembra-nos, a propósito, termos lido em certa revista cristã de especialização económica e social que, um culto europeu, depois de ter visitado os Estados Unidos e apreciado a distância que separa as duas mentalidades, resolveu escrever aos seus amigos do outro lado do Atlântico as verdades que sentia das suas «divergências», e pedindo a reciproca, para estabelecer uma corrente de entendimento mútuo.

E recorda-nos, justamente, que acerca da mentalidade anti-comunista americana, esse europeu culto dava o seguinte parecer, extraído, diga-se de passagem, e pelo próprio «europeu» confessado, de alguns pensamentos de Tristão de Atayde. Eis as seus palavras:

«Colocar a oposição ao comunismo sob o único símbolo da força sem ter uma espiritualidade da libertação e do desenvolvimento das massas, sem trabalhar para criar estruturas sociais menos iniquas representa uma traição para os povos».

Evidentemente que este modo de ver visa, em especial, a mentalidade americana, ao tempo e tal qual a sentia o sincero e culto europeu, mas a verdade é que, nem pela mudança de meridiano, nem de tempo, a observação perde muito do seu senso.

Nesta onda de anti-comunismo que se levanta, como uma defensiva ocidental contra a tentativa de predomínio do Oriente, se para além da força material posta em actividade, uma nova e cristã estrutura social se impregnasse de possibilidades de vingar, o moral afervorava-se e os resultados seriam esboroar-se, antes do choque, a própria muralha comunista. Uma mística forte e aliciante vence-se com outra mística mais forte e mais aliciante. E o Cristianismo tem em si, como nenhuma outra doutrina, poder de sedução sem igual, quando arvora, com convicção e verdade, os princípios da sua justiça.

*LUSITANUS.*

# TRIBUNA OPERÁRIA

### DO ESCRAVO AO OPERÁRIO

O operário é o fruto da emancipação do antigo escravo e do servo da época feudal, ou descendente do pequeno camponês ou proprietário arruinado.

Deve, no entanto, fazer-se bem a distinção entre escravo e operário, para calar alguns mais exaltados que são capazes de declarar, à mesa duma taberna ou dum café, no trabalho ou na rua, que; — «Um operário é um escravo... pior ainda».

Inicialmente, um escravo não tinha leis que o protegessem. Se ao seu senhor desse na real gana matá-lo, matava-o mesmo, e ninguém tinha nada com isso... A sorte do escravo dependia da qualidade do dono.

Numa coisa se podia, porém, considerar *superior* ao operário de hoje: o dono sempre lhe dava cama, mesa e roupa lavada. Mas, claro, se levarmos em conta que a cama podia ser um pouco de palha num barracão onde imperassem as correntes de ar, que a mesa podia muito bem ser a própria terra onde trabalhava e que a roupa lavada era quase sempre... suja, valia um pouco menos, é certo. Todavia, a esses que afirmam ser um operário um escravo, talvez servisse.

Além de tudo isto, falta ainda o principal: o escravo era uma *coisa* que se vendia, comprava, trocava, pontapeava, matava...

Não era livre, não era considerado pessoa humana.

O operário de hoje tem duas características essenciais: é livre e tem um encargo enorme: o de ter de procurar sustento e bem-estar (relativo, pelo menos), não só para si, mas, e o que é de maior responsabilidade ainda, para os seus. Quanto mais estável for o mercado, menos crises de desemprego há, e mais facilidades tem o operário de viver.

Quanto a ser livre, há os que entendem ser a liberdade o poder de praticar impunemente tudo o que lhes apeteça. Lembro a frase tão conhecida de M.me Rolland: «Liberdade! Quantos crimes são cometidos em teu nome!» Querem saber o que é Liberdade? Perguntem-no os homens de boa vontade ao seu juiz: a consciência. Eu disse «de boa vontade», porque esses devem-na ter sã; a dos «de má vontade» é podre, — a resposta viria falseada.

O operário é livre, é homem. Como homem, deve manter o físico e satisfazer, na medida do possível, o espírito, inerente à dignidade humana. Tem a obrigação moral de procurar elevar-se por si — para isso um caminho existe: a instrução. Mais ainda: a educação dos filhos. Bem certo é o que alguém afirmou: se os filhos, enquanto pequenos, admiram os pais, quando maiores, serão eles o objecto da admiração dos pais. Tempo virá em que o filho se tornará juiz das acções do pai.

Serem julgados pelos filhos é o destino dos pais e, muitas vezes, o seu castigo.

Termino, pois, servindo-me de uma frase que li algures:

«Os bons filhos são a coroa dos pais, e os bons pais a glória dos filhos».

*NELSON BARBOSA*

### BONS EXEMPLOS

É digno de nota o facto que por vezes se observa entre professores, escritores e outras pessoas cultas e distintas ao entrarem nas oficinas, principalmente naquelas que pertencem ao ramo das Indústrias Gráficas, apertando a mão aos operários com quem têm de aviotar-se. Quanto a nós, isto representa delicadeza que cativa quem trabalha e encerra bons exemplos.

É assim que se faz sentir que o homem não é superior ao homem; quer dizer: pelo facto de se tratar de professores ou de escritores, eles mostram que são tanto como os outros. Possuem a sua bagagem literária e científica, mas não são, por esse motivo, superiores aos homens que trabalham nas oficinas ou nos campos. Cada indivíduo é para aquilo que Deus o criou. Todos são homens, apenas com posições diferentes na sociedade, como não podia deixar de ser. Evidentemente que a posição intelectual deve merecer, de nós operários, o respeito pela inteligência e pela cultura a bem dos povos. Se o trabalhador é indispensável, o mesmo acontece com os intelectuais, de onde deriva o desenvolvimento das Artes e de todo o ramo científico que é necessário ao ser humano.

Isto é um resumido comentário que fazemos dos sentimentos daquelas pessoas que convivem amigàvelmente com trabalhadores, embora a sua esfera de acção social seja um tanto diferente.

Ainda há pouco, ao pretender apertar a mão a um operário no lugar de trabalho, como este pretendesse recusar-se alegando «ter as mãos sujas», um sacerdote ilustre teve esta frase digna da nossa admiração: «As mãos dos trabalhadores não sujam!»

Agradecemos a lição e louvamos a atitude das pessoas de posição social que se manifestam como se fossem de gente humilde.

As boas palavras e os bons exemplos não só educam mas criam bom humor e dispõem bem!

*A. CARVALHO*

# UM CASO QUE URGE REMEDIAR

O jornal «O Mineiro», que se publica nas Minas da Panasqueira, no seu número de 8 de Dezembro passado, publicava a seguinte local:

### Abono de Família

*«Há perto de seis meses que não é distribuído o Abono de Família. Não sabemos de quem seja a culpa de tão longa demora, mas sabemos que ele faz imensa falta a tantas famílias pobres que por aqui vivem.*

*«Por isso, bom seria que as entidades que superintendem em tal assunto trabalhassem para que esse dinheiro fosse dado agora pelo Natal afim de haver mais fartura e mais alegria em muitos lares».*

A Caixa de Previdência ré deste desleixo sem desculpa, respondeu ao jornal com a seguinte carta, que o mesmo jornal publicou no seu número de 8 de Fevereiro:

*«...Sr. Director do jornal «O Mineiro» — Minas da Panasqueira — Fundão.*

*Conhecida apenas há dias a local publicada no jornal da digna direcção de V. Ex.ª, de 8 de Dezembro p. p., apressa-se esta Comissão Organizadora a agradecer o interesse tomado por V. Ex.ª acerca do assunto e a informar que por ofício n.º 16.242/47, de 23 de Dezembro de 1947, foi enviado à firma Beralt Tin & Wolfram, Ld.ª, o cheque n.º G-884655 de 240.548$00 (Duzentos e quarenta mil quinhentos e quarenta e oito escudos) quantia que se destinava ao pagamento do abono de família aos empregados e operários da firma, referente aos meses de Julho a Agosto de 1947.*

*Estão em processamento os meses de Setembro e Outubro, contando efectuar-se o pagamento antes de 31 de Janeiro, ou nos primeiros dias de Fevereiro.*

*A Comissão Organizadora desta Caixa fez todos os esforços para que antes do Natal fossem pagos abonos e continua esforçando-se para a rápida regularização do seu pagamento.*

*A Bem da Nação».*

Pois apesar de «todos os esforços» da Comissão Organizadora, segundo nos informa um nosso leitor e beneficiário da Caixa, a 15 do corrente não tinha sido pago o abono de família aos técnicos e operários metalúrgicos e metalo-mecânicos, correspondentes aos meses de Setembro, Outubro, Novembro e Dezembro de 1947 e aos meses deste ano!

# O Problema da aprendizagem

II

Nos princípios da Idade-Média, foram ainda os princípios cristãos que dignificaram o trabalho manual e promoveram o nascimento de toda essa enorme multidão de associações profissionais livres que são a principal glória da Idade-Média.

Embora a organização começasse por ter origem familiar, com os pais a ensinar aos filhos a mesma profissão, depressa se tornou local, e diferente de cidade para cidade, com costumes, regulamentos e privilégios próprios.

Como o trabalho manual era tido em grande honra — em homenagem a Cristo, trabalhador manual — era natural que os operários tivessem brio da sua profissão e a defendessem dos intrusos, dos impreparados e dos desonestos que a desacreditariam. Mas, para defender o bom nome da profissão, era necessário, evidentemente, regulamentar cuidadosamente a aprendizagem da mesma. E assim a aprendizagem tomou depressa uma importância tamanha que era considerada a abóbada de toda a organização industrial daquele tempo.

Vale a pena, embora a traços largos, dar uma ideia geral da regulamentação da Idade Média, no que respeita à aprendizagem. Com poucas diferenças — sempre de pormenor aliás — era esta a mentalidade em todas as nações e profissões.

Para ser aprendiz não era preciso possuir nenhuma qualidade especial. Bastava não ter mau carácter, não ser ladrão, nem assassino, não ter sido expulso da cidade por qualquer delito ou crime. Diríamos hoje ter registo criminal limpo.

Pelo contrário, ao mestre eram exigidas duas qualidades: ter dado suficientes provas de ser capaz de dirigir a educação duma criança e ter suficientes meios para a alojar, vestir, calçar, alimentar convenientemente. Era preciso que fosse sério e inteligente e ao mesmo tempo rico.

Esta primeira exigência denota já o primeiro cuidado das regulamentações industriais pela sorte dos aprendizes (rapazes e raparigas), e o grande espírito familiar que presidia a todo o trabalho de então. Com efeito, cada mestre não podia ter mais de um ou dois aprendizes, conforme a sua importância, embora conservasse sempre o direito de ter na aprendizagem os seus próprios filhos ou irmãos pequenos. As viúvas, por via de regra, não podiam admitir aprendizes na oficina que fora do marido, porque «não eram bastante competentes para ensinar».

As coisas passavam-se, mais ou menos, assim: O pai do aprendiz apresentava o seu filho a um mestre de uma ou outra Corporação. Discutem as condições do contrato, e, em primeiro lugar, a duração da aprendizagem. Esta, com efeito, não tinha tempo determinado, a não ser em certas Corporações mais rigorosas; apenas fixavam um mínimo de tempo, pois o tempo de aprendizagem de uma arte ou ofício iria depender das qualidades do aprendiz e das do mestre. No contrato com o pai fixava-se a duração, e, por vezes, o pagamento de uma soma ao mestre para apressar o ensino. Uma vez feito o acordo entre o pai e o mestre, o contrato tinha de ser passado a escrito e tornado público, isto é, dado a conhecer a todos os outros mestres da Corporação e, depois de reconhecido perante testemunhas classificadas ou perante notário, era remetido aos arquivos da Corporação para servir de «tira-teimas» em caso de contestação.

(A civilização do século XX está realmente muito adiantada em relação a estas «velharias» do século das trevas!...).

Feitas todas estas formalidades, o aprendiz passa a ser membro da comunidade dos artífices, junto da qual encontrará auxílio e protecção (ver: *Dictionnaire de Sociologie*, 1.º vol., col. 1.031). O mestre deve tratar o aprendiz como filho de gente boa e abastada, isto é, deve alojá-lo convenientemente, alimentá-lo, vesti-lo, fornecer-lhe luz e roupa lavada. Tem sobre ele um direito de vigilância e correcção, direito que deve exercer *em pessoa e com moderação*.

(Tal qual como hoje, não é verdade?)

Por sua vez, o aprendiz deve obedecer ao seu mestre, respeitá-lo e fazer por lhe agradar.

Às vezes, os aprendizes fugiam. Se o faziam por vagabundagem ou ligeireza própria da idade, a primeira vez não perdiam os direitos do seu contrato de aprendizagem. Podiam voltar passadas semanas ou até meses, que o mestre era obrigado a aceitá-lo, com o encargo de «restituir» o tempo de fuga, prolongando-se, portanto, o contrato. Se, porém, a fuga é causada por culpa do mestre (sua severidade ou má alimentação) ele próprio ou um seu amigo podiam ir ao Presidente da Corporação queixar-se. Este chamava o mestre culpado, reprendia-o e impunha-lhe o dever de tratar dali por diante o aprendiz com as devidas conveniências, sob pena de o perder e de lhe ser proibido aceitar mais nenhum. O aprendiz em fuga por culpa do mestre era tomado à guarda da comunidade enquanto o seu assunto não fosse regulado.

É curiosa também a regulamentação que impedia os mestres de aceitar outro aprendiz enquanto o seu andava fugido. Esta proibição tinha por fim obrigar o mestre a procurar e receber o aprendiz, pois os aprendizes trabalhavam para o mestre.

É esta, em traços largos, a regulamentação da aprendizagem na Idade Média. Sucessivas modificações com o tempo, não lhes tiraram nenhum dos traços essenciais: contrato escrito e público, defesa dos direitos humanos do aprendiz, tempo de aprendizagem regulamentado ou por contrato ou pelo regulamento geral da corporação, instituições para resolver os conflitos entre aprendizes e mestres, e direito do aprendiz a receber a carta de aprendizagem para se tornar «companheiro» ou mestre, logo que estivesse em condições.

Quando as corporações foram suprimidas, com todas as regras da aprendizagem, o que mais impressionou os legisladores foi a anarquia do mundo do trabalho proveniente da «perversidade das regras da aprendizagem». Estas — as boas regras — não foram, porém, restabelecidas, porque entrávamos no período da máquina, que viria «completar» a perversidade das regras da aprendizagem e perverter as futuras gerações operárias.

A aprendizagem sem educação e ambiente familiar, sem nenhuma espécie de consideração pelos aprendizes foi a grande causa da miséria moral e intelectual em que veio a cair o mundo do trabalho. Não admira que esta situação favorecesse as reacções.

# A CAMINHO DO ENTENDIMENTO SOCIAL

Podemos dizer que, felizmente, não vamos tão atrás dos progressos sociais dos outros países, como se pode supor. Também entre nós há bons exemplos de uma decidida boa vontade em acertar no caminho do entendimento social. Estes casos são tão animadores e impressionam tanto, que, perante eles, todas as manifestações de desordens ou lutas de classe desaparecem automàticamente.

Podemos assim dar a boa notícia de que, embora lentamente, se vai abrindo o caminho.

A Casa *Electro-Império*, armazém de revenda de material eléctrico, fundada pelo nosso amigo e accionista de S. E. T., senhor Albano Pires do Amaral, tendo agora ampliado as suas instalações, resolveu dar a co-gerência e a participação nos lucros à maioria dos seus empregados, tornando-os sócios da sua casa, com cotas a realizar pela futura comparticipação nos lucros.

À *Electro-Império* auguramos as melhores prosperidades, como merece.

Também a firma «Costa Loureiro, Irmão & C.ª», da Cancela Velha, Porto, acaba de informar, em circular enviada aos seus clientes, que reformou a constituição da sociedade, cedendo cotas da mesma a mais um seu filho, ao guarda-livros, ao empregado e ao servente.

Pio XI escreveu, em 1931, que as condições da vida social moderna eram tais que se tornava urgente atenuar os rigores do contratos de salário por elementos tirados ao contrato de sociedade.

Estes dois casos mostram bem que as palavras do Chefe Supremo da Cristandade não caíram em terreno mau.

Bem hajam!

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

FORUM ACÇÃO DESENVOLVIMENTO E SOLIDARIEDADE
© Todos os direitos reservados





# O Plano Marshall

II

Como se apresentava, no princípio do ano passado, o problema do restabelecimento da Europa? Os americanos pensavam — e com razão — que a prosperidade económica era condição indispensável para a paz mundial. Para fortalecer a paz era portanto necessário restabelecer o equilíbrio económico. E já que o sistema organizado com este fim não tinha produzido os desejados resultados, era preciso rever e melhorar o sistema.

Devemos notar, em primeiro lugar, que a Europa sofria duma enorme penúria de produtos alimentares. Uma grande parte dos dólares emprestados para a reconstrução foi por conseguinte utilizada para compra de alimentação. Além disso, a má colheita de 1946-1947 veio agravar a situação.

Por outro lado, como se compreende que a Europa, tão rica em minas de carvão, seja obrigada a importar carvão americano? Não seria um absurdo económico estimular a reconstrução dum continente que parecia condenado a dever importar o pão para os seus trabalhadores e a matéria prima para as suas indústrias?

De maneira nenhuma! O abandono da Europa teria tido como resultado a extensão da hegemonia de uma grande potência que se esforça por dominar o mundo e ameaça já a segurança, a independência moral e a integridade económica do novo mundo.

Mas a América não podia continuar a encher o saco roto que é a Europa. E então os Estados europeus, se quisessem beneficiar do auxílio americano, teriam de ser «obrigados» a realizar um esforço grande no quadro europeu para valorizar o auxílio americano. Para que esta sugestão pudesse ser útil e produzisse os devidos resultados, era indispensável:

1) Convencer a opinião pública americana do valor da sugestão;

2) Convencer o público europeu não só do alcance da sugestão, mas também da necessidade de meter ombros imediatamente à tarefa de redigir um plano concreto.

Era preciso, em primeiro lugar, esclarecer a opinião pública americana a respeito dos problemas soviéticos. Assim se fez, a 12 de Março de 1947 por ocasião duma Mensagem ao Presidente Truman, que lançou a «Doutrina Truman». Propunha especialmente fornecer auxílio militar e financeiro à Grécia e à Turquia, dois dos países mais ameaçados pela U. R. S. S. Uma viva campanha de Imprensa auxiliou a espalhar estas ideias. Contra toda a espectativa a diplomacia soviética lançou um apelo à nação americana em favor da defesa do seu ideal de liberdade.

E foi numa atmosfera destas que se lançou um balão de ensaio. O «piloto» deste balão de ensaio foi o secretário adjunto do Departamento do Estado (diríamos: subsecretário dos Negócios Estrangeiros), Dean Acheson, que, entre outras coisas, declarou:

«A instabilidade política que continua a reinar impede, muito mais do que era de esperar, a reconstrução económica». E terminava a sua mensagem por estas palavras: «Em razão do nosso próprio interesse e dum sentimento puramente humanitário, vemo-nos obrigados a cobrir o enorme *déficit* do orçamento mundial».

Esta declaração revestia uma importância capital. A posição oficial de Acheson bem o mostrava, tanto mais que se poderia considerar a sua intervenção como uma espécie de testamento político, pois ele estava em vésperas de abandonar a vida pública.

Mas isto tinha sido sobretudo uma hábil manobra, porque se a opinião pública americana reagisse desfavoràvelmente e se mostrasse hostil a um auxílio à Europa, o Governo podia sempre fazer de conta que aquilo não tinha passado duma opinião pessoal dum político «reformado».

Mas a reacção foi excelente e tão excelente, que o próprio Ministro, General Marshall, interveio pronunciando em 5 de Junho de 1947 o seu histórico discurso em Harvard.

A importância desta defesa duma Europa martirizada pela guerra merece que se recordem algumas passagens do seu discurso:

«Quando se examina a situação na Europa, verifica-se que os montantes necessários à sua reconstrução, as perdas em vidas humanas, os prejuízos sofridos pelas cidades, as fábricas, minas, caminhos de ferro, foram avaliadas de maneira quase exacta. No decurso dos últimos meses de cada vez mais se deu conta que as destruições visíveis são menos graves do que a desorganização da estrutura económica da Europa.

«...O facto de não se ter chegado ainda a nenhum acordo, dois anos depois do fim das hostilidades, em relação aos Tratados de Paz com a Alemanha e a Austria causou um atrazo considerável no que respeita à reconstrução económica.

«...A necessidade de géneros alimentícios e de produtos de primeira necessidade importados da América atingirá nos 3 a 4 anos seguintes tais proporções, que a Europa deverá receber um crédito suplementar muito importante se quer pagar todas estas importações. De contrário expor-se-á a um descalabro económico, financeiro e político dos mais graves.

«...É lógico que os Estados Unidos façam tudo o que lhes for possível para conseguir o saneamento económico do mundo. Sem isso, é impossível estabelecer uma estabilidade política e uma paz duradoira. A nossa política (dos E. U.) não é dirigida contra um país determinado, nem contra uma doutrina, mas contra a fome, a pobreza, o desespero e o caos. Devemos reorganizar a economia mundial de maneira a criar as condições políticas e sociais indispensáveis à existência de instituições livres.

«...Toda a Nação que quiser colaborar na restauração económica beneficiará do apoio total do governo americano. *Todo o governo que usar da intriga* com o fim de entravar a restauração económica de outros países não beneficiará de nenhum auxílio da nossa parte. Pelo contrário, os governos, os partidos, os agrupamentos políticos que se esforçarem *por fazer durar a miséria humana* com o objectivo de tirar dela um benefício político terão de contar com a oposição americana».

Ninguém se ilude sobre o alcance destas palavras nem sobre o seu sentido. O isolamento americano acabava de vez.

O General Marshall terminava o seu histórico discurso por algumas indicações práticas para os países europeus:

«...É evidente que, para o governo americano prosseguir no auxílio à Europa, os países europeus devem entrar em conversações para concluírem um acordo de auxílio recíproco com o fim de reforçar o alcance do auxílio americano. É dos próprios europeus que deve vir o programa de restauração económica».

Apesar da viva reacção de Moscovo, a declaração do General Marshall teve um esplêndido acolhimento por toda a parte. Na América, a semente caiu em bom terreno, embora tenham surgido certos «velhos do Restelo» a aconselhar prudência.

Mas o Presidente Truman, na sequência desta política, instituiu, a 23 de Junho, três comissões senatoriais com o objectivo de estudar a sério os diferentes graus do auxílio americano. E em resposta ao apelo de Marshall, reuniu-se em Paris, de 27 de Junho a 2 de Julho de 1947, uma conferência das três potências (Inglaterra, França e Rússia).

III

Em resposta ao apelo do General Marshall (ver os números anteriores), reuniu-se em Paris, pela iniciativa de Bevin, de 27 de Junho a 2 de Julho, uma Conferência das três potências (Inglaterra, França e U. R. S. S.). O fim era redigir um plano de reconstrução económica europeia. A existência da Conferência dos 3: Molotov, Bidault e Bevin, foi de uma duração extremamente curta. Os ministros inglês e francês dos negócios estrangeiros apresentaram um plano minucioso no qual se propunha resumir num relatório as necessidades e os recursos dos países europeus em matérias primas.

Molotov combateu esta proposta e insistiu em que cada um dos países interessados apresentasse separadamente um relatório com os pormenores das suas necessidades. Segundo o ministro russo este era o único meio de subtrair a Europa à influência e ao domínio americano.

Bidault propôs um compromisso com o fim de salvar o que pudesse salvar-se. Mas a teimosia de Molotov transformou-se numa barreira intransponível. A conferência não chegou a nenhum acordo. Acentuou-se a separação entre o Oriente e o Ocidente europeu, mas também se operou como reacção uma união mais íntima das democracias ocidentais.

Bevin e Bidault não ficaram inactivos. Lançaram convites aos 22 países europeus para assitirem a uma nova conferência que se realizaria a 12 de Julho em Paris. Inclinados primeiro a aceitar o convite, acabaram por o recusar forçados que foram a isso pelos sovietes. Assim a Polónia, a Checoslováquia, a Hungria, a Bulgária, a Roménia, a Iugoslávia e a Albânia excluíram-se a si próprias. Apesar destes obstáculos não houve desânimo. Reuniram-se finalmente 16 países:

Inglaterra, França, Bélgica, Holanda, Luxemburgo, Itália, Suíça, Grécia, Turquia, Noruega, Dinamarca, Suécia, Irlanda, Islândia, Austria, Portugal e Alemanha Ocidental.

Tudo parecia marchar admiràvelmente. Num tempo-recorde, chegou-se a acordo sobre o processo a seguir. Depois trabalharam os técnicos dos diversos países, de 12 de Julho a 22 de Setembro, na redacção dum balanço da situação da Europa (Ocidental) e deliberaram sobre o programa da reconstrução económica dos países participantes. O fim último que se procurava atingir pode resumir-se como segue: reconstrução económica completa da Europa para o fim de 1951.

As ideias que estão na base desta reconstrução são as seguintes:

1 — Todos os países participantes farão um esforço considerável para aumentar a produção nacional;

2 — Deve ser assegurada, o mais ràpidamente possível, a estabilidade financeira interna;

3 — Deve organizar-se entre todos os países a mais intensa e eficaz colaboração;

4 — A exportação dos países participantes deve ser desenvolvida de tal maneira que desapareçam ou se atenuem as consequências de uma balança comercial desfavorável.

Segundo os desejos de Marshall, este programa de reconstrução supõe até 1951:

a) Um auxílio de grande envergadura;

b) Um auxílio recíproco efectivo.

O programa foi redigido de tal maneira que deveriam ser atingidos os seguintes resultados até ao fim do ano de 1951:

1 — ABASTECIMENTOS EM GÉNEROS ALIMENTÍCIOS

— a produção de pão, cereais e outros farináceos deve atingir o nível de antes da guerra;
— a produção de açúcar e de batatas deve aumentar consideràvelmente, e a dos óleos e gorduras, ligeiramente;
— a produção dos produtos de leitaria deve corresponder às entregas de forragens.

2 — PRODUÇÃO DE CARVÃO:

Deve ser elevada ao montante de 584 milhões de toneladas, isto é, 145 milhões de toneladas acima do nível de 1947 ou 30 milhões de toneladas acima do nível de 1938.

3 — ELECTRICIDADE: aumento da produção em 70 biliões de K W H ou 40 % mais do que em 1947. Além disso, um aumento de energia de 25 milhões de K W H ou de 2/3 comparativamente a 1939.

4 — ÓLEOS: As refinarias de óleos devem aumentar a sua capacidade de produção de óleos brutos em 17 milhões de toneladas, isto é, duas vezes e meia a produção de antes da guerra.

5 — AÇO: a produção de aço bruto deve aumentar 80 % acima do nível de 1947, o que significa um total de 55 milhões de toneladas ou 10 milhões de toneladas mais do que em 1938 (20 % mais).

6 — TRANSPORTES: Os meios de transporte internos devem aumentar de tal maneira que, no fim do ano de 1951, a capacidade de transportes seja superior em 25 % à de 1938.

7 — MARINHA MERCANTE: o plano prevê para 1951 uma completa reconstrução das marinhas mercantes dos países interessados em relação a 1938.

Além do aproveitamento enérgico dos recursos de cada um em matérias primas, o General Marshall insistiu num auxílio recíproco entre os «Países-Marshall». As primeiras tentativas são animadoras. Uma comissão foi encarregada de examinar a possibilidade dum acordo alfandegário entre os diversos países e já obteve os seus resultados quanto aos chamados «Cinco» (Inglaterra, França, Bélgica, Holanda e Luxemburgo). Pensa-se em incluir a Itália, Portugal e outros no mesmo acordo alfandegário. Por outro lado chegou-se a acordo sobre a utilidade e oportunidade duma acção comum no que diz respeito aos problemas especiais, que fazem parte duma lista especial. Nela figuram, entre outros, os seguintes problemas:

— Redacção dum programa comum para o desenvolvimento de novas fontes de energia eléctrica;

— Emprego dum equipamento uniforme (standard) para as minas e as indústrias eléctricas;

— Instauração de um «pool» para o emprego e o tipo de vagões de mercadorias. («Pool» é uma forma de «cartel» que tem por fim repartir os lucros: é uma caixa comum onde se concentram os lucros de cada empresa para além duma percentagem convencional. Estes lucros podem ser repartidos entre as empresas participantes ou destinados a instituições de utilidade comum, como laboratórios, escolas de aprendizagem, etc.).

— Troca de informações sobre a modernização e reconstrução das indústrias-base.

# INAUGURAÇÃO DE DOIS POSTOS

## DOS SERVIÇOS MÉDICO-SOCIAIS DA FEDERAÇÃO DAS CAIXAS DE PREVIDÊNCIA

Foram inaugurados, durante a semana passada, pelo dr. António Alvim, presidente dos serviços médico-sociais da Federação das Caixas de Previdência, dois novos postos destes serviços, um no n.º 15 da Calçada de D. Gastão, em Xabregas, e outro na Estrada de Benfica, n.º 544. Ficam a servir, em Xabregas, 3.600 beneficiários (isto é, contribuintes para as Caixas de Previdência) e 920 agregados (pessoas de família com direito a serem tratadas), e em Benfica, 2.400 beneficiários e 720 agregados.

Para isso, há em ambos, além da secretaria, e salas de espera bem mobiladas e acolhedoras, gabinetes para clínica médica, pediatria e ginecologia-obstretícia; salas de tratamentos e de injecções, para homens e para senhoras.

Benfica, onde o posto ocupa um edifício, tem já cirurgia, radioscopia e em breve haverá também estomatologia. Em Xabregas, dada a grande dificuldade de se arranjar casa em condições (dificuldade que muito se faz sentir também noutras zonas) aproveitou-se o primeiro andar de uma construção antiga. Foi inteiramente refeito de novo, e o estilo moderno e higiénico do seu interior actual está em curioso contraste com a velha fachada. Aqui, os dirigentes da Federação têm o maior desejo de ampliar as instalações para que se possam vir juntar os outros ramos de serviços médicos que por enquanto faltam e já existem noutros postos.

Tanto na Calçada de D. Gastão como em Benfica, o quadro de pessoal médico, de enfermagem, de secretaria e auxiliar é bastante completo.

O representante do nosso jornal, que assistiu à inauguração, pôde ver como era elevado o nível das instalações, higiénicas, bem ordenadas, com bom mobiliário e excelente material médico. Numa rápida visita à sede dos serviços médico-sociais pôde também colher a mesma impressão de ordem e eficiência.

«O Trabalhador» interessa-se por tudo por que os seus leitores se interessam e, pelas referências que estes nos fazem, sabemos bem que os nossos leitores se interessam muito pelos serviços médicos das Caixas de Previdência. Por isso, procuramos conhecê-los bem, para bem podermos informar os nossos leitores.

Não vimos ainda os postos em funcionamento, e tencionamos em semana próxima falar com mais desenvolvimento desses serviços, dos desejos dos beneficiários e também de alguns desejos da direcção da Federação (por exemplo: esta gostaria muito que os beneficiários inscrevessem as pessoas de família na ocasião devida, e não apenas quando elas adoecem e precisam de tratamento imediato. Isso evitaria muitas complicações desnecessárias aos serviços, e traduzir-se-ia em bem de todos). Reservando, para então, as nossas observações sobre os vários aspectos que ainda não conhecemos suficientemente, podemos desde já dizer que o faremos sempre em espírito de colaborar para que os serviços médico-sociais atinjam o nível de perfeição cada vez maior por todos desejado. E, falando no espírito com que o faremos, estamos perfeitamente à vontade para dizer que encontrámos da parte do Dr. António Alvim e dos seus directos colaboradores, a melhor boa-vontade e gentileza em nos elucidar acerca de tudo o que tivesse interesse para nós, e que não só das instalações materiais colhemos boa impressão: também a boa-vontade e dedicação da «equipa» central destes serviços não podiam deixar de se nos tornarem notadas.

«O Trabalhador» é um jornal independente, que tem o ideal de bem servir a justiça social e o bem-comum, o qual também é o dos operários e empregados. Nesta posição, não pode deixar de fazer justiça a quem a merece — e procedendo assim, apenas corresponde a uma exigência da Verdade. Não regateia nem regateará o seu aplauso a tudo o que for de justiça dá-lo. E toda a gente sabe, ou deve saber, que não abdica nem abdicará do direito de criticar o que lhe pareça merecer reparos.

### UMA COSTUREIRA VIUVA QUE PEDE TRABALHO

Do «Diário de Lisboa», de 18 do corrente, transcrevemos, com a devida vénia, a seguinte local:

Uma pobre costureira de roupa de senhora, de nome Gracinda Fernandes Nunes Alves, com uma filha de 2 anos, encontra-se a viver, por esmola, em casa duma sua amiga, na Rua 27 de Abril, r/c., de onde tem de sair no fim do mês. Pede, não uma esmola, mas trabalho a alguém que queira utilizar os seus serviços de costureira autorizando-a a que se faça acompanhar da filha, pois tem sido este o único obstáculo que tem encontrado para se empregar, desde que seu marido faleceu, há dois meses. Aí fica o apelo desta pobre rapariga, que patrocinamos junto das almas generosas que estejam em condições de lhe corresponder.

# APRENDER SEM QUERER

SECÇÃO DIRIGIDA POR CÉSAR

Terminamos hoje o nosso primeiro concurso e vamos hoje mesmo iniciar o segundo.

Antes de mais a classificação do primeiro:

O júri resolveu, por unanimidade atribuir o primeiro prémio a «Caduti», o qual é contemplado com um livro «Estilística Portuguesa» de Rodrigues Lapa ou uma assinatura de «O Trabalhador» durante seis meses.

Quanto ao segundo classificado, o júri hesitou entre Lélita e Manuel Luso, acabando por atribuir o segundo lugar a Lélita e o terceiro a Manuel Luso.

*Alex. Ranita* obteve menção honrosa. O seu trabalho merece esta distinção, como reconhecimento pela sua assiduidade em colaborar connosco.

**Responda se sabe...**

*(... e se não souber, leia um dos próximos números).*

1) O que é *lábaro*?
e qual o significado primitivo?

2) Qual a origem da palavra *tirano*?

3) E qual o sentido da palavra *herói* nos poemas homéricos?

4) Quais os cinco poemas mais representativos da literatura mundial?

5) Que diferença existe entre «cantigas de amigo» e «cantigas de amor» da época medieval?

6) Sabe o que é *intempsicose*?

*Respostas ao n.º 8*

1) Malherbe era um poeta francês. A expressão «ter a duração das «Flores de Malherbe» aplica-se a uma coisa que dura pouco: ter sol de pouca dura.

2) Para um quilo de essência é preciso uma tonelada de flores de laranjeira.

3) Duas esferas de peso igual mas volume diferente (supondo-as suspensas) têm pesos diferentes no vácuo, pois a força de impulsão que se exerce de baixo para cima relativamente à mais volumosa deixa de actuar à medida que o ar se rarefaz.

4) O «pó» que faz andar os «eléctricos» é o «pó de andar» do condutor.

5) Escreve-se numa página um *L vira-se* e temos *Elvira*.

Com a dança «sucede» o mesmo. Escreve-se um *U vira-se* a página e temos *o vira*.

É um pouco forçada a resposta, mas foi uma leitora que no-la enviou.

*Respostas ao n.º 9*

1) Os chineses, para que os burros não zurrem, costumam atar-lhes um peso ao rabo.

Quem lida com burros, sabe muito bem que esses «pacíficos» animais quando se manifestam «içam» aquele apêndice, em arco, em sinal de festa...

Já agora, uma observação sobre os burros: Os burros são tão burros, tão burros, que quando pressentem lobo voltam o focinho para a parede, para o não verem...

2) A temperatura ideal para a conservação do peixe são 50 graus negativos. O frio industrial que já hoje se consegue é de cerca de 30 graus negativos, temperatura a que embora os micróbios não resistam se considera ainda insuficiente.

Há um preconceito contra os produtos congelados — nomeadamente contra a carne argentina.

Mas, vistas bem as coisas, não há razão para isso: a carne dos nossos matadouros está sujeita à acção das toxinas a partir do momento em que as rezes são abatidas. Ao passo que a carne argentina é imediatamente frigorificada, ficando os micróbios à porta, a lamber os beiços, se é que há micróbios na Argentina...

**Hieroglifos**

Alguns dos nossos leitores não gostaram dos hieroglifos, e nós, em face disso, não insistimos.

A solução do 3.º é *«Menezes»*.

É possível que um dia demos uns elementos de criptografia.

Sabem o que é criptografia?

Se não sabem... leiam o próximo número.

**Se quiser sorrir...**

Um professor fez uma vez, num exame, uma pergunta a um aluno muito esperto mas que de momento se atrapalhou, não atinando com a resposta.

O professor exasperou-se, pelo que chamou o continuo e lhe disse:

— Traga um molho de palha para este senhor, que está *em jejum*.

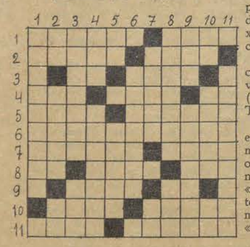
O aluno reagiu perante o insulto e respondeu à letra:

— Traga dois, que vamos almoçar juntos!!!

## PALAVRAS CRUZADAS

*Problema n.º 10*

(Enviado por «Arguto»)



*Horizontais:* 1 — Cor de cigana. Nome próprio. 2 — Pequeno olho; infernal. 3 — Palavra de que Camões se serve muitas vezes para completar um verso; Brazeiro. 4 — Cólera; Brande; Parecença. 5 — Felina; Branca. 6 — Comêssemos (gíria). 7 — Raridade. Bata com o maço. 8 — Artigo; Inutiliza; Soberano. 9 — Apupa; Sequia. 10 — Põe ao sol; Moeda sem cotação. 11 — Diz bem; Iquais.

*Verticais:* 1 — Moralizar. 2 — Língua antiga; Páginas de chumbo; deste lado. 3 — Enumerar; Pronome. 4 — Àquela; desculpara. 5 — Laço; Terra portuguesa. 6 — Pesara. 7 — Serra muito conhecida (pl.). Abreviatura. 8 — Defrontam; andavam. 9 — Seguirá; Descera. 10 — Oferta; Açucare. Preposição (poético). 11 — Derradeiros.

*Problema n.º 11*

Como o problema n.º 5 não teve concorrentes, dada a sua extrema dificuldade, propomos hoje, aos construtores, outro problema mais fácil.

Construir um problema de palavras cruzadas com o mínimo de quadriculas negras e sem linhas a cheio a interceptar as palavras. O problema pode ser de 9×9 ou 11×11.

*Resposta ao problema n.º 8*

*Horizontais:* 1—Recurso. 2 — Céu; Ola; Rês. 3 — Ali; Sus. 4 — Elo; Evo. 5 — Malga. 6 — Sia; Eia. 7 — Imo; Per. 8 — Ais; Mãe; Ema. 9 — Grasnar.

*Verticais:* 1 — Academias. 2 — EL; Eis; Mi. 3 — UI; Os; 4 — Coxo; Alma. 5 — UI; Selva. 6 — Rape; Eden. 7 — Rs; Pe. 8 — Eu; Oca; Em. 9— Asseverara.

**Correspondência**

*«Barguejoa»* — A sua consulta está um pouco deslocada da nossa secção, mas por serdes vós, senhor, quem sois, vamos tratar-lhe da saúde e logo que tenhamos a informação que nos pede, lha enviaremos.

A sua sugestão de «largar» o jornal nos centros de cavaco devia ser seguida por aqueles que utilizam «O Trabalhador» para papel de embrulho. Aqui registamos o seu gesto, certos de que terá imitadores.

*«Manuel Luso»* — Recebi o seu postal com certo atraso, de maneira que não foi possível fazer o que sugeria.

Em que ano está?

Por que não manda alguns problemas também?

*«Manuel Moreno»* — O seu nome é ininteligível. Que quer dizer isso de civilidade? Isso pertence ao século passado, de maneira que duvido que possa satisfazer o seu pedido indicando-lhe um manual de civilidade completo e moderno. Tudo isso morreu. Assista aos assaltos aos carros eléctricos se quer ter a confirmação do que afirmamos.

Vem a propósito repetir a «opinião» que registamos de que «para entrar num carro eléctrico tanto estorvam os embrulhos com a boa educação».

Em todo o caso, sempre lhe indicamos o «Manual de Civilidade e Etiqueta», de João Félix Pereira.

Possuimos um em francês, mas como está encaixotado ainda, não podemos dar-lhe agora indicações dele. Há outros, mas pouco diferem entre si.

*«Aileda»* — Por antecipação do seu amigo Alex. Ranita e por dedução minha, aliás fácil, já sabia quem o meu amigo era: só fez bem em confirmar.

Não me metem medo os «aljozes» entro, como pode calcular, em toda a parte e saio... Já estive no «segredo» de Monsanto, no «Aljube», em «Caxias», no «Limoeiro» e até nas «Mónicas».

Estou «familiarizado», como vê, com esses «paraísos». Não desgostava de conhecer o «appartement» (aprenda, meu amigo) que me reserva. Tudo é bom saber...

Não volte a escrever a vermelho: estou a precisar de óculos para assumir um ar mais doutoral; além disso, os tipógrafos podem rejeitar os originais. O vermelho estraga a vista. As «opiniões» têm realmente graça e o tema é de profundas meditações. Temos um livro só de opiniões: são as «Máximas» de La Rochefoucald.

Não compartilhamos da sua má impressão e creia que não é espaço inútil o que lhe dedicamos.

No entanto, fazemos-lhe a vontade, diminuindo as doses.

E quanto a original, a dificuldade está na escolha e no espaço que é condicionado pelo Chefe da Redacção.

Agradeço-lhe a indicação que me deu das linhas *ensebadas* dos eléctricos. Falando-se de automóveis, diz-se que eles *patinam* quando não saem do mesmo sitio, como acontece quando há muita lama.

Na sua resposta às palavras cruzadas, o meu amigo voltou a «copiar».

No problema da linha 4 — Horizontais, vinha *lizaça* (gralha que escapou à revisão, pois se escrevera *ligação)*. A resposta seria *elo*. O meu amigo, respondeu *Boo*, por influência, já se sabe de quem...

É que no problema enviado por «Alex. Ranita» permiti-me essa alteração para facilitar apenas: afinal serviu de ratoeira, em que o meu amigo caiu...

Os seus problemas vou analisá-los detidamente. Desde já, porém, lhe faço duas observações: as linhas azuis (e de maneira geral o azul) do papel quadriculado não saiem na zincogravura: têm de ser recobertas também a nanquim.

E em segundo lugar, não são de admitir problemas divididos em sub-problemas: um dos que mandou encerra nada menos de quatro.

Devia eliminar as quadriculas negras 7×5, 6×6 e 5×7, para ficar um só problema todo aberto, sem compartimentações estanques.

———

**Agradar a todos é impossível**

Os nossos amigos que gostariam de ser jornalistas (desejo que, não se sabe porquê, muita gente boa tem) vejam a complicação que é fazer um jornal.

Escrevia há anos um colosso da Imprensa americana:

«Editar um jornal é a coisa mais aborrecida deste mundo. Sim, porque todos têm que dizer. Nunca estão de todo contentes. De toda a parte vêm queixas.

— Se o tipo é miudo, *«não se pode ler»*. Se graúdo, *«não tem leitura»*. Se trata de política, *«é intrujão»*. Se não trata *«é insipido»*. Se desenvolve o noticiário, *«é mentiroso»*. Se não desenvolve, *«não é noticioso»*. Se é chistoso, *«não é sério»*. Se é sério, *«está escrito para as estátuas»*. Se é original e ligeiro, *«é superficial»*. Se é profundo e grave, *«não tem graça nenhuma»*. Se noticia política dos partidos, *«é político»*. Se não noticia, *«é inútil»*. Se tem artigos doutrinais, *«é faccioso»*. Se os não tem, *«é oco»*. Se interessa às senhoras, *«é jornal de mulheres»*. Se não interessa, *«não é actual»*. Se é caro, *«explora»*. Se é barato, *«não presta»*. Se o diretor vai à igreja, *«é retrógado»*. Se não vai, *«não tem consciência»*. Etc.

Na verdade é bem o caso para se dizer com o nosso povo, na canção:

«Quem faz a casa na praça
A muito se aventurou.
Uns dizem que a casa é alta,
Outros que baixa ficou».

## 2.º concurso de «O Trabalhador»

**Uma quadra de saudação**

Generalizou-se entre nós o costume de colocar à entrada de casa um azulejo com uma saudação a quem entra.

São quadras ou disticos, aos quais muitas vezes faltam elevação e até a métrica, que é também um valor a considerar.

Citamos ao acaso alguns desses disticos, para que os leitores vejam a diferença que vai de uns a outros:

1) *Se vens por bem, amigo,*
*Entra, que a casa é tua.*
*Mas se não vens por bem*
*Podes ficar na rua.*

2) *Haja paz,*
*Haja amor*
*E a bondade*
*De Nosso Senhor.*

3) *Vem! A casita é modesta,*
*Mas quando surge um amigo*
*Parece um castelo em festa!*

Este terceiro distico é de Bulhão Pato. É todo de luva branca. Tem um sabor de medieval: rescende a cavalheirismo; tem a luminosidade dos sorrisos francos e sinceros. Podia ser, desde já, gravado para figurar junto da porta de entrada.

Mas...

É possivel que deste nosso concurso surjam disticos, (de preferência quadras), que se superiorizem a qualquer dos que apontamos.

Todos os leitores — mesmo aqueles que não sabem fazer versos — podem entrar neste concurso, enviando-nos disticos que conheçam do género dos que registámos.

Faríamos uma colectânea de interesse, e seria possível banir o mau gosto dos muitos que temos visto pela comparação com outros melhores.

Os que têm jeito (para não dizer *mania*, no sentido que os gregos lhe davam) para fazer versos, podem enviar-nos composições suas.

«Trovador», pela amostra que nos mandou, parece ter estofo para poeta; «Manuel Luso» vai com certeza concorrer. «Alex. Ranita», pelo acróstico que nos dedicou, pode aspirar ao primeiro prémio. «Lélita» e «Caduti» reúnem condições especiais para concorrer e ganhar.

Às composições, originais ou não, podem ser enviadas até 11 de Abril.

Haverá um prémio para a primeira composição original.

———

*Toda a correspondência desta secção deve ser enviada para*

*CÉSAR AFONSO*

*Calçada dos Barbadinhos, 30-1.º*

*LISBOA*

# Coisas desta Cidade

por: JOSÉ M. M. MELLO

Sacrificando um pouco, o escasso tempo de que dispomos, caminhámos ao acaso por estas ruas de Lisboa, sem um destino definido, sem a preocupação de termos de estar em qualquer parte, a uma hora qualquer.

São apenas nove horas da manhã, de um domingo, em que ainda não podemos concretamente dizer que haverá sol, mas em que, apesar da tonalidade acinzentada que nos envolve, nos apetece andar, passear, procurar novos atractivos, buscar novas emoções, naquilo que durante a monotonia do trabalho quotidiano, mal temos tempo de reparar. Conhecer enfim, mais profundamente, pequenas passagens da vida lisboeta, numa manhã de domingo.

* * *

Mas acharemos, no entanto algo que nos desperte a atenção, algo que nós nunca tivéssemos atentamente analisado, nesta cidade, já tão nossa conhecida?

Decerto que sim. Nós achámos e, por isso mesmo fazemos esta pergunta: Já porventura alguém reparou na graça que irradia um grupo de jovens e buliçosas varinas?

Todos nós as notamos já, a qualquer hora do dia, em qualquer parte. Todos nós nos atravessámos já, apressados à sua frente, todos nós tememos já, que a água, que descuidadamente salta das suas graciosas canastras, nos molhasse a indumentária, deixando nela, aquele peculiar cheiro a peixe fresco, que nos é quase insuportável.

No entanto, para nós é alguém que passa, alguém a quem não ligamos importância, que se confunde rápidamente entre a multidão ruidosa que enche ruas e passeios, nos dias de trabalho.

No entanto, à nossa frente, segue um grupo de raparigas que, de canastra à cabeça, chaile pelos ombros, caminhando um pouco apressadas, dão-nos, só por si, um aspecto diferente, daquele que costumamos ver. Vão alegres, satisfeitas, soltando estridentes gargalhadas.

São pobres, mas quase felizes. Possuem uma felicidade que muitos não poderão compreender, que poucos poderão sentir.

Vão airosas, frescas, elegantes nos seus trajes de trabalho, mas vistosas, berrantes, atraentes pela simplicidade que encerram.

No entanto poucos lhes dão o verdadeiro valor, que na realidade possuem. Não pensamos nunca, ou raramente o fazemos, no imenso trabalho que todas têm, para que em nossa casa, nunca nos falte aquele alimento, que não dispensamos, e que elas, com os seus pregões, mais ou menos próprios, com um não sei quê de especial, atiram para o ar.

As «varinas», são na realidade, um tipo próprio, indispensável a esta Lisboa, tão orgulhosa de possuir os seus «casos» tão particularmente típicos.

* * *

Voltamos a pensar, naquelas vidas. Pensamos, nos seus pais, nos seus maridos, nos seus namorados.

Na sua maior parte, pescadores valorosos que diàriamente saem para o mar, arriscando as vidas, naquela tão dura profissão.

Deixam-nas nos cais com um adeus, com uma prece.

Elas rezam por eles, pela boa pescaria, que depois terão de vender, de porta em porta, subindo e descendo escadas, caminhando diàriamente muitos quilómetros, trabalhando àrduamente para os seus lares.

* * *

Olhamos novamente aquele ruidoso grupo, que agora se encontra um pouco distante de nós.

Mas, mesmo assim, as suas palavras, os seus risos, chegam-nos ainda aos ouvidos. Continuam alegres, quase felizes, numa felicidade contagiosa.

São «varinas»! Honra seja feita ao seu esforço e à sua classe de trabalhadoras.


Aprenda CONTABILIDADE
SEM MESTRE

Estudando pela obra mais acessível e completa até hoje publicada. Saíu o 1.º fascículo, que se envia à cobrança, sem mais despesas, por 12$00.

Pedidos ao autor, JOAQUIM LOURENÇO DE CARVALHO
Rua de S. Mamede, 24, 3.º, E. — LISBOA

# PÁSCOA NA POLÓNIA

Na velha e mártir Polónia, tão ciosa das suas tradições, a festa da Páscoa é a festa magna das casas e das famílias, que vem já preparada desde Domingo de Ramos.

Na Polónia não há palmeiras, de modo que todos atam ramos de rebentos de salgueiro ou outras folhagens e enfeitam-nos com ramalhetes de flores artificiais de fino papel colorido. Cada região e cada local tem o seu estilo peculiar de flores artificiais e há despique para ver quem fez os ramos mais lindos.

Os «Ovos de Páscoa» pintados, tradição velha em todos os países cristãos, são na Polónia verdadeiros primores de arte doméstica. A sua factura exige gosto, finura e capricho. Desenham, depois de o mergulhar num banho de cera, um motivo qualquer sobre o ovo — pode ser geométrico ou figurado, um cordeiro pascal, por exemplo, ou outro. Em seguida mergulha-se num colorante e deixa-se secar. Retiram-se as partes recobertas de cera e o desenho fica em cor sobre o fundo branco.

Outro processo consiste em primeiro colorir o ovo e depois gravar os motivos ornamentais, raspando a ponta de canivete. Esse último processo exige grande delicadeza. Às vezes os ovos assim decorados dão a impressão de maravilhoso rendilhado. Alguns são de tal modo artísticos, que foram conservados em museus.

Na manteiga, no açúcar que servirão ao jantar modelam e esculpem cordeiros pascais e colocam-lhes entre as patas um estandarte.

Na Polónia há neve até muito tarde. Em Domingo de Páscoa, depois da Missa, a população em peso vai saudar pela primeira vez nos campos a Primavera. Os prados verdejam; os malmequeres sorriem; os coelhinhos aparecem a saltar atrás de cada arbusto; as crianças dançam nas suas rodas e tecem coroas de flores campestres; os crescidos lembram a mocidade e estendem sobre a relva os lanches.

A parte mais importante dos festejos domésticos é o «ágape» pascoal, composto de pratos rituais — fritos, várias qualidades de carne, salchichas, doces e bolos (eram outros tempos...). Como a abstinência quaresmal é observada com todo o rigor na Polónia, para muitos é a primeira vez que comem carne depois de 40 dias.

Sobre o alvo atoalhado da mesa, até nas mais pobres choças se vê o indispensável leitãozinho assado, trincando um ovo entre dentes e uma travessa com salchichas enfeitadas com ovos cozidos.

Enormes pirâmides de bolos erguem-se aos quatro cantos da mesa.

Ninquém, no entanto, toca numa migalha desse santo «ágape», sem a bênção do cura — o «benedicite», como lhe chamam.

Por isso, o cura da aldeia vai de casa em casa, benzendo as comidas, pronunciando palavras alusivas à festa.

Nas aldeias mais povoadas, transportam-se em cestos os manjares à igreja, para aí serem abençoados no adro em bênção colectiva, que o pároco a cada momento vem lançar sobre os que chegam.

O que mais interessa os jóvens, porém, são as brincadeiras de segunda-feira de Páscoa. É o dia do «smigus», remanescente de um costume de antigas eras. Nesse dia é permitido aspergir com água quem quer que seja. É uma recordação do baptismo que era outrora ministrado aos pagãos nessa data. Pratica assim o povo verdadeiros «entrudos» e nada é mais divertido do que ver uma melindrosa receber em cheio um balde de água.

# ARGOLINHAS

3 ovos
3 colheres de bom azeite (sem acidez) morno
1 colher de chá de fermento inglês (ver receita de «O Trabalhador»).

Bate-se tudo bem e vai-se deitando a farinha até se poder tender. Formam-se umas argolinhas que são fritas em azeite e logo depois passadas em açúcar derretido com uns pingos de leite, de modo a formar uma pasta grossa. Deixam-se secar e... comem-se.

# Página do LAR

# A PÁSCOA NO LAR

A Páscoa não é apenas festa da Igreja; devemos encher dela o nosso lar.

Na Igreja, a Páscoa significa: a passagem do Senhor, (pois *páscoa* traduz-se do hebreu e significa *passagem)* pelo Mundo a salvar-nos.

A alegria e a esperança de Páscoa animarão o nosso lar — a nossa casa tomará um ar festivo, haveremos de saudar nesse dia a Primavera que enche os campos de flores e que fala da ressurreição do Senhor.

Flores, amêndoas, ovos pintados, papéis coloridos, tudo lavadinho e bem brunido, à noite a família reunida, avós, filhos e netos — sorrisos nos lábios, lágrimas de emoção nos olhos... ternura, alegria... Boas-Festas! Boas-Festas!

* * *

Em Portugal, a Páscoa festeja-se, de norte a sul, com costumes próprios que encontram, no entanto, correspondentes em todos os países da Europa. São muito antigos.

Os *ovos de Páscoa* são em todo o lado o símbolo do dia — alvos sepulcrozinhos em que se esconde um ser vivo. são bem um símbolo da Primavera e da Ressurreição. São oferecidos nos folares, são pintados para enfeitar as mesas e os pratos, são representados com «amêndoas» feitas de açúcar e nas cidades como ovos de chocolate bem recheados de doçuras (mas isso é só para quem pode...). Ovos de Páscoa! Haverá casa sem eles?

É preciso *estrear qualquer coisa*. Até o mais pobre, em Domingo de Páscoa quer estrear um vestido, umas calças, uns sapatos, uma toalha ou uma cortina. Não é só a vida que se há-de renovar, nem só o amor e a vontade e a alegria — até o fato, até o móvel!

"Ele ressurgiu"

Adorai montanhas,
O Deus das alturas!
Também as verduras!
Adorai, desertos
E searas floridas,
O Deus dos secretos,
O Senhor das vidas!
Ribeiras crescidas,
Louvai nas alturas
Deus das criaturas!
Louvai, arvoredos
De fruto prezado!
Digam os penedos:
Deus seja louvado!
Nestas verduras
O Deus das Alturas!

*GIL VICENTE*

A *Visita Pascal*. — Nalguns sítios é na Páscoa que o pároco vai de casa em casa a abençoar o lar para uma vida renovada. E o «compasso» que lá vai de porta em porta, levando a Cruz. A comitiva entra, o pároco benze a casa, dá a Cruz a beijar ao chefe da família e entrega-lha para que ele, como cabeça do lar, a dê a beijar aos seus. E em seguida coloca a Cruz sobre a mesa, já preparada com uma toalha branquinha para a receber e abraça o dono da casa: «a paz seja convosco». Haverá sítios onde o Pai de família transmite também aos seus esta saudação de paz?

Seria tão bonito se assim fosse...

Depois, o pároco segue o seu caminho, entrando nas casas mais humildes e nas mais ricas e trazendo de cada casa, na cestinha ou no saco, a oferta do folar e dos ovos, para que à noite haja também o bodo dos pobres.

À tarde, todos vão passear para os campos) colhem-se as flores, dançam-se rodas, concertam-se namoricos. A gente da cidade, voltando dos prados, vai ainda visitar as pessoas de família que moram distantes (os da aldeia já estiveram com elas de manhã na Missa). Os filhos vão, em geral, só com o pai, enquanto a mãe vai acabar de preparar o jantar de festa.

Antigamente havia pratos tradicionais que só neste dia se comiam. Na cidade tudo isso desapareceu. Na aldeia, ainda em muitos sítios se come, além do folar, o tradicional anho assado, que deve segurar, para ser completo, um ovo entre os dentes.

Se na festa familiar da Páscoa mais alquma coisa há, não o conhecemos.

Querem contar-nos como se faz na vossa terra? Se há outros costumes? Se há cantigas especiais?

# PERFUMES DA PRIMAVERA

Aí que perfume o das gavetas de roupa das nossas avós. Saquinhos lilazes de flor de rosmaninho ou alfazema prestavam à roupa alva de neve o cheiro fresco e doce da charneca portuguesa.

Aí o perfume daquelas velhas épocas: adentro da porta tudo era limpo e puro; rescendia a flores o lar de então. A roupa e a consciência eram branqueadas semana a semana em boa barrela. Limpavam-se os pés e os pensamentos antes de se atravessar o limiar da casa: os homens descobriam a cabeça como na igreja, esqueciam as lutas e o peso do trabalho do dia — porque o seu lar era reino de paz, e porque aquela que a seu lado aí reinava era rainha da limpeza e da pureza.

E como assim era ela gostava daquele perfume que ela espalhava em sua volta e que ficava nos saquinhos lilazes no meio da roupa alva de neve, e dava à casa o cheiro fresco e doce da charneca florida...

Perfume de alfazema e rosmaninho e de alecrim — perfume de dignidade daqueles lares antigos em que a pobreza não fazia mossa, porque não era miséria e porque era honrada...

Estamos na Primavera!

Nos campos ainda hoje se juntam todos os anos molhos de alecrim de rosmaninho e alfazema: na cidade vendem-se em pequenos atados às portas das igrejas em Quinta-feira Santa, para que cada um conserve em sua casa um raminho deles que perfume o lar de santidade para todo o ano.

Façam a primavera entrar também em vossa casa. Tragam dos campos, do passeio que pela certa darão em Domingo de Páscoa molhos de fresco alecrim, de pura alfazema e de perfumado rosmaninho.

Tirem-lhe as pétalas e as florzinhas, atem-nas em saquinhos de gaze com uma fita lilaz. Ponham em cada gaveta um ou dois saquinhos destes e verão que belo será o resultado...

Os ramos queimem-nos no fogareiro e a casa parecer-vos-á limpa e perfumada como uma igreja e cheia da paz trazida dos prados e das charnecas floridas.

Com estas pétalas e flores também se pode fazer perfume. Por exemplo:

**Perfume de alfazema**

Põem-se as flores de alfazema ao ar, mas não à torreira do sol, para lhes tirar *toda* a humidade.

No fundo de uns boiões bem limpos espalha-se um pouco de sal. Cobre-se este com uma camada de alfazema e em seguida com uma camada de pasta de algodão branco cortado ao feitio do boião e bem embebido em óleo de Lucca ou azeite do mais puro (sem acidez). Por cima disto põe-se nova camada de sal, alfazema, algodão e repete-se até encher o frasco acamando sempre para ficar bem apertado. Termina-se pondo uma rodela de papel, impermeável, rolhando de modo a isolar bem do ar. Põe-se ao sol durante três semanas, abre-se em seguida os boiões e passa-se o perfume, por um pano fininho, para frasquinhos próprios.

*Se ralhas, toma cautela*
*Palavras loucura são;*
*Palavras leva-as o vento,*
*Deixam rasto onde vão.*

# OVOS DE PÁSCOA

Porque não enfeitam, com vossos filhos, os «ovos de Páscoa», e porque não lhes entregam nesse dia a decoração da mesa de jantar ou da ceia? Tudo deve ter um ar festivo e é bom ensinar os pequenos a participar com o seu esforço e poder criador nas festas de família.

O povo gosta de enfeitar os seus símbolos; assim não bastou a nenhum povo da Europa a alvura dos ovos em que via representado o mistério da Ressurreição: pintou-os com todas as cores da Primavera. Façamos como os antigos!

É fácil pintar os ovos com anilina, tinta da china, de «gouache» ou de aquarela (compram-se na drogaria). É melhor fazê-lo de véspera. Cozem-se os ovos como de costume, tantos quantos bastem para toda a família, pois serão comidos ao lanche no campo ou à noite no jantar de festa e então servirão para enfeitar a mesa ou o prato principal e pintam-se em seguida.

*O trabalho não é uma força instrumental, uma «mercadoria» que se compra, se vende e se transporta à vontade.*

*É, como diz Leão XIII (Encíclica «Rerum Novarum») «pessoal, porque a força activa é inerente à pessoa».*

*Destarte, o trabalho deve ser tratado como algo de humano, de necessário ao homem para sua subsistência, e não como um artigo de comércio.*

(Do Código Social de Malines)

# NOÇÕES de puericultura

Damos agora um salto depois dos artigos anteriores. Deixamos para depois o que faltava dizer e vamos fazer de conta que o menino que se esperava já chegou.

Logo aparecem problemas sem fim.

A cabeça da lista costuma vir o da alimentação.

É claro que a criança *deve* ser alimentada ao peito! É claro que a Mãe se preparou para assim alimentar a criança! (No último mês de gestação deve começar a preparar-se. Tendo, como é vulgar, crostas que tapam os canais donde escorrerá o leite, tire-as cuidadosamente.

Em geral saiem bem, com água e sabão e uma escovinha macia. Não use álcool para endurecer os bicos que devem encontrar-se macios além de limpos. Se os não tem bem formados, uma suave massagem diária com um bocadinho de pomada bórica distendendo-os com os dedos dá o resultado devido.)

Antes de nascer, a criança tem como único alimento o sangue da Mãe. O alimento de uma é então alimento de outra: a bebida de uma, pertence também à outra. Depois do nascimento o curso do sangue é desviado para o peito da Mãe para alimentar glândulas em que é fabricado o leite. Assim a criança amamentada pela Mãe continua depois de nascer a beber da mesma fonte que até aí. Receber da Mãe o seu alimento é quase uma necessidade para a criança. Ela acaba de sofrer o choque do nascimento e da mudança absoluta das suas condições de vida. Não deve receber choque maior assimilando um sustento que não lhe convém inteiramente e nenhum lhe convém na verdade senão aquele que lhe foi destinado pela natureza.

A amamentação da criança é a forma de alimento mais barata, mais simples e que melhor a defende de doenças, pois confere uma espécie de imunidade para certas afecções.

Além disso a Mãe que de si própria tira o alimento para seu filho sente-se enriquecer de um tesouro de amor e ternura, de alegria e orgulho pelo seu petiz que nunca sonhara poder gozar. A Mãe que por qualquer razão esteja impossibilitada de amamentar o seu filho não imagina quanto perde da pouca alegria que a terra nos reserva.

É claro que exige sacrifício, de vontade e do tempo, e exige sobretudo verdadeira dedicação. Mas vale a pena!

Mas nem sempre a Mãe pode amamentar o seu filho. São impedimentos absolutos:

1.º Doenças graves da Mãe; como sejam a tuberculose, a pneumonia, nefrite, etc.

2.º Absoluto esgotamento nervoso.

3.º Infecções agudas, quando revestem gravidade

# BOLO DE NOZES

(fingido, barato e bom)

3 ovos inteiros
3 colheres de sopa de açúcar
3 colheres de sopa de pão ralado
1 colher de café de fermento
5 nozes

Juntam-se as gemas ao açúcar batendo bem. Quando a mistura estiver muito clara e a fazer bolhas mistura-se a pouco e pouco, batendo sempre, o pão ralado e o fermento. Batem-se as claras em castelo e juntam-se cuidadosamente *sem bater*.

Escorre-se a mistura para uma forma untada. Põe-se no forno (não havendo em casa, pede-se licença para pôr no forno do padeiro).

Tira-se da forma e enfeita-se com nozes. Tal é o gosto do bolo que basta *verem* o enfeite para as pessoas *julgarem* que comem bolo de nozes.

Experimentem e verão!

**FAZER «CASAS» COM PERFEIÇÃO**

FORUM ALMADA DESENVOLVIMENTO E SOLIDARIEDADE
Todos os direitos reservados

O TRABALHADOR
NO MUNDO DO TRABALHO

# A SITUAÇÃO

## DOS TRABALHADORES DAS CARNES

Vejamos hoje a situação dos trabalhadores em carnes do distrito de Lisboa.

O facto de os talhos serem uma espécie de necrotério onde se maneja a faca do açouque com a mesma despreocupação com que os médicos manejam o bisturi nas autópsias, nada tem de repelente. E os empregados que atendem o público são pessoas com problemas que, como os de qualquer outra classe mais ou menos considerada socialmente, merecem a atenção das entidades competentes e da própria sociedade que servem e em cuja vida participam.

* * *

*— Pesa um nadinha mais. Custa mais oito tostões. Não faz mal?*

Este estribilho a que as donas de casa, principalmente, se habituaram há muito, ouve-se a cada passo, e se nalguns casos corresponde à realidade, noutros — e não são poucos — é sintoma duma imoralidade a que os empregados, como adiante se verá, recorrem para assegurarem o seu ganha-pão.

* * *

Os trabalhadores em carnes são, no distrito de Lisboa, cerca de 1.500.

Se estivessem associados num grupo maior que abrangesse outros distritos, certas dificuldades invenciveis que têm encontrado, passariam quase despercebidas. Alguns sugerem a formação de dois grupos: um no norte, outro no sul.

### Encarregados responsáveis

Uma das grandes preocupações da classe é a eliminação pura e simples dos «encarregados responsáveis».

Para o caso chamamos a atenção não apenas do Instituto Nacional do Trabalho, mas do Ministério da Economia.

Entende-se por encarregado responsável o empregado a quem o proprietário do talho impõe, sob pena de despedimento, o «aluguer» do talho.

Ou porque o proprietário não percebe do assunto, como no caso das viúvas que herdaram os talhos, ou porque não está para se preocupar, entrega a um empregado a gerência, obrigando-o a assinar um termo de responsabilidade, para o que der e vier.

O empregado fica com o encargo de todas as despesas com o estabelecimento, auferindo o proprietário todos os lucros sem nada arriscar.

O encarregado tem de pagar o papel de embrulho, os salários, as possíveis quebras, as multas e o mais que se verá.

Não tem direito a férias e vê-se, muitas vezes, a braços com dívidas contraídas no exercício da sua profissão.

O contrato colectivo de trabalho é bem explícito a esse respeito. Transcrevemos da cláusula 3.ª:

«Só pode ser considerada entidade patronal o legítimo proprietário do estabelecimento, não sendo de admitir, portanto, o «encarregado responsável». No caso de existir gerente, será sempre considerado como tal um trabalhador assalariado, com a categoria de 1.º oficial».

* * *

Há em Lisboa entre vinte a trinta talhos com «encarregados responsáveis»; o Sindicato tem conhecimento deles; o Grémio igualmente.

* * *

Mas o problema dos «encarregados responsáveis» tem de ser encarado não apenas no aspecto social, mas também económico.

Ousamos por isso chamar a atenção do Sr. Ministro da Economia para o caso, que consideramos de extrema gravidade.

É que o consumidor tem de pagar, sem dar por isso, a taxa que o patrão abusivamente lança sobre o preço da tabela. Ou preço a mais ou peso a menos.

Exemplifiquemos:

Os quartos traseiros das reses são vendidos pela Junta a 11$76 o quilo. O Grémio adquire-a por 12$80, porque sobre o preço inicial incide uma taxa camarária de 1$04. O Grémio fornece-a aos talhos a 15$20, cobrando uma taxa média de 2$40 (tendo em conta nos cálculos, o preço dos quartos dianteiros).

Pois bem. Sobre o preço por que o encarregado tem de vender a carne ao público, o patrão cobra, abusivamente, uma taxa de $50 ou 1$00 e que, durante a guerra, chegou a ser de 5$00 e mais.

O encarregado vê-se na necessidade de roubar ao peso para poder ganhar a taxa que o patrão lhe exige.

Se, por acaso, a fiscalização da Intendência Geral de Abastecimentos multa, por falta de peso, quem paga é o encarregado, pois assinou um papel, devidamente selado, e com a assinatura reconhecida, no qual se responsabiliza pelo cumprimento das disposições legais em vigor, relativas a horários, a pesos, a higiene, etc.

O patrão descarta-se, cinicamente, mediante aquele fatídico papel, das responsabilidades inerentes à exploração do estabelecimento.

Querem maior exploração? Maior pouca vergonha?

Quando se elimina esta exploração, não apenas dos empregados mas também do público consumidor?

### «Empregados que dão prejuízo» . . .

Lá diz o ditado: «Se queres conhecer o vilão...» Os patrões de hoje foram, em muitos casos, os empregados de ontem. Guindados a uma posição económica mais vantajosa, são, infelizmente, e na maioria dos casos, os que mais fàcilmente esquecem os seus deveres sociais, e procuram por todos os meios deminuir o operário, fazendo-lhe sentir a sua inferioridade perante eles.

Uma das preocupações é fazer ver ao empregado que está a perder dinheiro:

«— És um empregado que dás prejuízo».

Simulam despesas que não existem, destinam 200$00 para a «patroa», não descontam a carne que mandam «à tripa forra para casa, etc. Enfim, fazem ver ao operário que está a dar prejuízo à casa.

Não é original a ideia de escolas de patrões. Há países onde elas florescem com óptimos resultados para eles e para os trabalhadores. É que quem as inventou teve como preocupação primacial a humanização do trabalho. É valor económico que para muitos patrões não conta, sendo desperdiçado como coisa de somenos importância.

### O problema dos quadros

Cremos que uma das grandes causas dos conflitos entre operários e patrões é o problema dos quadros. Desde que as empresas cumprissem a obrigação de fixar quadros do seu pessoal se eliminariam muitas das dissenções.

É conclusão que tirámos dos inquéritos feitos às mais diversas classes e que tem confirmação, igualmente, no caso dos trabalhadores em carnes.

Nesta classe os quadros do pessoal foram elaborados em função do consumo semanal de carne de vaca.

Dividiram-se assim os talhos em oito escalões; para o número *1*, cujo consumo semanal de carne de vaca é de 200 quilos haverá um 1.º oficial e um aprendiz.

Para o número *8* (consumo semanal de dois mil quilos) haverá três 1.ºs oficiais, três 2.ºs oficiais, um praticante e um aprendiz.

Nada haveria a opor a esta classificação se realmente entrasse nos talhos apenas carne de vaca, espécie sobre que se baseou o estabelecimento de categoria.

Sucede, porém, que por duzentos quilos de carne de vaca entram quatro ou cinco vezes mais quilos de outras espécies.

Isso equivale a uma sobrecarga de trabalho que corresponde a uma sofismação das disposições do contrato colectivo.

A classe reivindica a revisão desta disposição que os patrões interpretam à sua maneira e pretende que a fixação dos escalões seja feita em função do consumo global de carne e não apenas do consumo da carne de vaca.

### 400 contos de indemnizações

O movimento do contencioso tem sido intenso. Sendo a classe relativamente pequena—cerca de 1.500 empregados como diziamos, só em 1947, os patrões pagaram cerca de 400 contos de indemnizações. E isso, sem recorrer ao Tribunal de Trabalho, mas apenas em acções de conciliação. Houve um operário que recebeu quarenta contos por horas extraordinárias!

### Outras aspirações

A classe aspira, além de tudo o mais, à criação duma escola de aprendizagem e valorização técnica, à melhoria de férias, à revisão das condições de trabalho dos operários que trabalham na indústria de salsicharia, que não têm as mesmas regalias que os trabalhadores dos talhos, e à revisão do actual contrato onde pretendem introduzir determinadas alterações.

# OS NÚMEROS FALAM DO POVO
## O POVO FALA DE SI

Os dados fornecidos pelos serviços estatísticos oficiais apresentam lacunas importantes. Uma delas é relativa aos salários.

À falta de uma estatística adequada, não é possível conhecer-se o movimento exacto dos salários nominais (em moeda) e dos salários reais (poder de compra). Sabemos, entretanto, por estimativas razoáveis, que o poder de compra da classe operária, em geral, é hoje superior ao de há uns 10 ou 15 anos.

Duas explicações se podem dar do facto. Uma é que o aumento dos salários foi maior do que o dos preços e, por isso, os trabalhadores do escritório e da oficina podem hoje comprar mais coisas do que anteriormente. Teria havido aumento do poder de compra do salário individual.

Outra explicação é que, embora o movimento dos salários não tenha sido mais rápido que o dos preços, diminuiu o número de pessoas a cargo de cada trabalhador.

A segunda hipótese é a verdadeira. Honestamente, não pode afirmar-se que a diferença entre o salário médio de hoje e o de ontem seja maior que a diferença entre o custo da vida de hoje e o de ontem. Variaram em medida aproximadamente igual. Se há desiquilíbrio, é contra os salários.

O que sucede é que hoje há mais trabalhadores solteiros, mais trabalhadores casados com mulheres empregadas fora do lar. Diminuiram os encargos; e como diminuiram os encargos, aumentaram as possibilidades de vida da classe trabalhadora.

Numa cidade como Lisboa, com exigências e encargos de vida tão grandes, não há mais de 47 mil trabalhadores do comércio e da indústria, que ganham para cima de *um conto por mês*. (Em 1946, houve cerca de 47 mil colectas de imposto profissional que, como se sabe, só é pago pelos indivíduos que ganhem mais de 1.000 escudos). Isto é, aproximadamente 5/6 dos trabalhadores que nesta capital se ocupam nessas actividades, ganham menos de um conto por mês.

Vale a pena comparar estes números com outros que nos são fornecidos pelas estatísticas oficiais.

Das 11 mil e tantas pessoas que pagaram imposto complementar (rendimentos iguais ou superiores a 50 contos por ano, — mais de *quatro contos por mês)*, um grande número, senão a maior parte, vive sem dúvida em Lisboa. Na classe dos funcionários públicos, havia na capital 497 indivíduos que tinham acumulações de lugares, fazendo o ordenado médio individual de *101,7 contos por ano*. Por acumulação de remunerações (fora do Estado), pagaram imposto 291 indivíduos, com a *remuneração média anual de 213,2 contos*.

Ninguém reclama que o salário do trabalhador médio seja elevado ao nível do destes poucos milhares de prebendários. E não se desconhecem as dificuldades de melhorar as condições de vida da nossa população.

Mas sabemos que é possível fazer alguma coisa a bem da sociedade e da moral. Sabemos que é possível melhorar o rendimento do trabalho, quer pela organização mais científica das empresas, quer pela educação técnica do trabalhador. Sabemos que existem em Moncorvo 150 milhões de hematites (base da indústria siderúrgica) à espera de exploração e que a sua exploração trará ao país um rendimento igual á de toda a exploração do trigo.

É isto o que pedem os números na sua linguagem.

*ARTUR MENDES*

# Com a guerra tudo se perde

É grande a loucura dos homens. Parecem mais preocupados com guerras e meios de se matarem uns aos outros, do que com a paz e os meios de favorecer o bem estar dos povos.

Pio XII disse uma vez, em momento dramático da história das nações: «Com a guerra tudo se perde; com paz tudo se pode salvar». Pensamento profundo em que todos os homens, especialmente os responsáveis pelo destino dos Estados, deviam reflectir em cada dia.

O último conflito armado custou 1.000.000.000 milhares de dólares. É o que hoje falta ao mundo, o que faz a miséria e o medo de que sofre. A miséria e o medo — estamos todos a vê-lo — são todo o activo e passivo da 2.ª guerra mundial. A miséria e o medo, mais 1 orfão em cada 24 crianças finlandesas, 200.000 orfãos na Hungria, alguns milhões em todo o mundo, alguns milhões de mutilados e de viuvas, etc.

Se se tivesse gasto em trabalhos de paz aquele 1.000.000.000 milhares de dólares, com a mesma coragem com que se gastou na guerra, cada família humana podia hoje ter uma casa com seis compartimentos e garage, e um automóvel. Cada cidade de mais de 5.000 habitantes, podia ter mais uma escola e um hospital, construídos e apetrechados segundo as exigências da técnica mais moderna.

Pio XII tinha razão — trabalhemos pela paz e oremos pela paz. Que Deus conjure do mundo a ameaça da terceira guerra!

*O liberalismo manchesteriano inclinou, durante muito tempo o regime económico e social no sentido de uma apropriação excessiva do rendimento pelo capital, deixando apenas à classe dos trabalhadores com que refazer as suas forças e perpetuar-se.*

(Do Código Social de Malines)

FUNDAÇÃO ANTÓNIO DE ALMEIDA
DESENVOLVIMENTO E SOLIDARIEDADE
© Todos os direitos reservados